

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – 2025

PSIU: UMA TRAJETÓRIA EXPERIMENTAL NO GRAFFITI

ANA CAROLINA SULPÍCIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
CAMPUS DE BAURU

ANA CAROLINA SULPÍCIO

**PSIU: UMA TRAJETÓRIA EXPERIMENTAL
NO GRAFFITI**

BAURU
2025

ANA CAROLINA SULPÍCIO

PSIU: UMA TRAJETÓRIA EXPERIMENTAL NO GRAFFITI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Artes Visuais, habilitação em Bacharelado, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – FAAC UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação da Prof. Dra. Joedy Luciana Barros Marins Bamonte.

BAURU

2025

S954p Sulpício, Ana Carolina
PSIU : Uma Trajetória Experimental no Graffiti / Ana Carolina
Sulpício. -- Bauru, 2025
78 p. : fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Artes
Visuais) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade
de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Joedy Luciana Barros Marins Bamonte

1. Arte Urbana. 2. Graffiti. 3. Processo Criativo. 4. Criação de
Letras. 5. Hip Hop. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, por todo o apoio em cada etapa dessa caminhada. Aos meus pais e minha irmã, por acreditarem no meu desejo de estudar em uma universidade pública, por me apoiarem desde o cursinho pré-vestibular, depois durante o curso e mesmo nos momentos em que precisei parar e recomeçar. Por estarem sempre ao meu lado, oferecendo suporte e incentivo para que eu não desistisse da graduação.

Em especial também à memória da minha mãe, que sempre me apoiou e acreditou em mim. Tenho certeza de que, de onde estiver, está feliz e orgulhosa por estar concluindo algo que sempre foi um sonho meu, mas também dela.

À minha orientadora, Profa. Joedy, deixo minha profunda gratidão pela paciência, escuta e sensibilidade durante todo o processo de orientação, que foi fundamental para que este trabalho ganhasse vida.

Agradeço ao Juno e à Marcella, amigos que se tornaram parte importante da minha trajetória, especialmente após meu retorno ao curso. Os momentos na Unesp, especialmente nos ateliês, foram marcados por trocas valiosas e uma parceria que levarei comigo. E claro, agradeço ao Adriano, com quem tive a oportunidade de conviver nos ateliês da Unesp, por todo o carinho e amizade ao longo desses anos de Unesp.

Agradeço também ao graffiti, que me proporcionou novas visões de vida, além do privilégio de vivenciar experiências transformadoras ao lado de pessoas incríveis que se tornaram parceiras. O graffiti e a cultura Hip Hop me levaram a viver momentos que nunca imaginei, com trocas sinceras, arte compartilhada e união, principalmente entre mulheres grafiteiras. Sou imensamente grata por ter podido compartilhar essa trajetória ao lado de mulheres incríveis do Hip Hop. Um agradecimento especial à Mari Monteiro, presente desde o início da minha jornada no graffiti, à Azulla, pela parceria e amizade no graffiti e à Tat, por sua atenção, abertura e generosidade em compartilhar vivências que tanto me inspiraram.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, com a construção desta pesquisa e com meu desenvolvimento como grafiteira e artista urbana, desde os amigos mais próximos até aquelas pessoas que surgiram ao longo do caminho, mesmo que brevemente, e que, com sua presença, ajuda, suporte e palavras, somaram de forma significativa nessa trajetória.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma trajetória experimental no graffiti a partir da criação de letras como prática poética, social e cultural. A pesquisa surge da busca por compreender como construir um processo criativo dentro da arte urbana, a partir do graffiti, especialmente sendo mulher, no contexto da cultura Hip Hop na cidade de Bauru/SP. O percurso se desenvolve por meio de uma pesquisa prática e empírica, baseada em oficinas de graffiti, vivências com artistas da cena local, estudos de referências visuais e teóricas, além de experimentações no papel e na rua. Como resultado, o trabalho expõe uma poética e identidade própria na criação de letras no graffiti, bem como cinco realizações de graffiti em eventos e ações coletivas nas ruas de Bauru/SP.

Palavras-chave: Graffiti; Hip Hop; Letras; Processo Criativo; Arte Urbana.

ABSTRACT

This research presents an experimental journey in graffiti through the creation of letters as a poetic, social, and cultural practice. It arises from the pursuit of understanding how to build a creative process within urban art, specifically through graffiti, as a woman, in the context of Hip Hop culture in Bauru/SP, Brazil. The process develops through practical and empirical research, based on graffiti workshops, experiences with local artists, studies of visual and theoretical references, as well as experimentation on paper and on walls. As a result, this work presents a personal poetics and identity in letter creation within graffiti, as well as five graffiti pieces carried out in the streets of Bauru/SP.

Keywords: Graffiti; Hip Hop; Letters; Creative Process; Urban Art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pichações de Pompéia.....	11
Figura 2 – Maio de 68 na França	12
Figura 3 – Ditadura Militar	13
Figura 4 – <i>Tags</i> de grafiteiros e grafiteiras em <i>New York</i> nos anos 70	14
Figura 5 – Graffiti de letras em vagões de trem em Nova York nos anos 70	15
Figura 6 – Centro de São Paulo	16
Figura 7 – Praça totalmente coberta de graffiti em Santana	18
Figura 8 – Pixação SP	19
Figura 9 – Um pequeno recorte do corredor de graffiti de 15 metros da Av. 23 de Maio	20
Figura 10 – Na Lata Festival	21
Figura 11 – Meeting of Favela.....	21
Figura 12 – Meeting of Styles.....	21
Figura 13 – Protestos em frente ao Itaú Cultural de grafiteiras e pixadoras em São Paulo.....	24
Figura 14 – Grafiteiras de Bauru – Azulla, Mari Monteiro e Tat.....	26
Figura 15 – <i>Tags</i> feitas numa porta na rua.....	30
Figura 16 – <i>Thow ups/ bombs</i> da grafiteira Isa	31
Figura 17 – <i>Piece</i> da Laia.....	32
Figura 18 – <i>Wild style</i> da Musa	33
Figura 19 – Grapixo da pixadora Gomid.....	34
Figura 20 – Caligrafia da Mari Monteiro.....	35
Figura 21 – Estêncil.....	41
Figura 22 – Lambe-lambe	42
Figura 23 – Nascimento do vulgo – oficina de graffiti com Mari Monteiro	42
Figura 24 – Trabalhos e rascunhos utilizando “olhos”	45
Figura 25 – Isa	49
Figura 26 – Calor Carol	50
Figura 27 – Looh	51
Figura 28 – Safi	52
Figura 29 – Tintas spray e garrafa pet/ potes com tinta látex.....	53
Figura 30 – Primeiros testes e experimentações com a tinta spray	54

Figura 31 – Tipos de <i>caps</i> para spray da loja Distrito Urbano.....	55
Figura 32 – Testando a pintura degradê em um <i>bomb</i>	56
Figura 33 – Estudos de <i>tags</i>	58
Figura 34 – Mais estudos de estilo de <i>tag</i>	58
Figura 35 – <i>Tag</i> “PSIU”	59
Figura 36 – Estudos de <i>Throw up</i> utilizando a <i>tag</i> como esqueleto	59
Figura 37 – Outros estudos de <i>Throw up</i>	60
Figura 38 – Exemplo de luz e sombra em formas geométricas.....	61
Figura 39 – Estudos de <i>Throw up</i> no papel.....	62
Figura 40 – Primeiro teste de <i>Throw up/ bomb</i> na rua	63
Figura 41 – <i>Throw up/ bomb</i> – 1º estilo.....	64
Figura 42 – Experimentações com o 2º estilo de <i>bubble letter</i>	66
Figura 43 – Etapas da pintura de um <i>Throw up/ bomb</i>	67
Figura 44 – Registros da participação no evento do Sopão da 14.....	70
Figura 45 – Graffiti no evento da Semana do Hip Hop Origens	71
Figura 46 – Registros do Mural e oficina de graffiti realizado com as grafiteiras Azulla e Gaúcha	72
Figura 47 – Registros do Mural realizado na EMEI Prof. Isaac Portal.....	73
Figura 48 – Mural realizado na Pista de Skate.....	74

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	O GRAFFITI NA HISTÓRIA E SUA CENA ATUAL	10
2.1	Origem e desenvolvimento	10
2.2	São Paulo – Brasil	16
2.3	Bauru e a presença das mulheres	22
2.4	Tipos de letras no graffiti	28
3.	O OLHAR COMO PRINCÍPIO POÉTICO.....	36
3.1	Uma trajetória experimental.....	36
3.2	Percurso até o graffiti	41
3.3	PSIU: O olhar para a cidade.....	44
4.	CRIANDO LETRAS NO GRAFFITI.....	47
4.1	Referências: <i>Graffiti Writers</i>	48
4.2	Materiais e suportes	53
4.3	Do papel para os muros	57
5.	OS FRUTOS DO GRAFFITI.....	69
5.1	Sopão da 14 – Bauru/SP – 2024	69
5.2	Semana do Hip Hop Origens – Bauru/SP – 2024.....	71
5.3	Ah! Campton – Hip Hop Acampa – Tibiriçá/SP – 2024	72
5.4	Mural coletivo – EMEI – Bauru/SP – 2024	73
5.5	Pista de Skate – Bauru/SP – 2025	74
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

1. INTRODUÇÃO

O graffiti, que antes era apenas algo que observava no meu dia a dia, se tornou uma extensão de quem sou. Mais do que uma linguagem visual, hoje faz parte do meu cotidiano e do meu processo de construção como artista visual e urbana. Essa pesquisa surge a partir do desejo de compreender e vivenciar o graffiti, especialmente a criação de letras, como uma prática poética, cultural e social no espaço urbano.

Por muito tempo, a presença do graffiti me despertou curiosidade, mas nunca me enxerguei nesse lugar de quem faz. Essa curiosidade com a arte urbana me instigou a questionar: *Eu sou capaz de criar e estar na rua? Qual é o caminho que se percorre para ser uma artista de rua, especificamente uma grafiteira? E como se constrói um processo criativo no graffiti?* Essas inquietações se tornaram o ponto de partida para uma trajetória experimental que foi, ao mesmo tempo, a oportunidade de desenvolver uma pesquisa acadêmica, mas também um desafio para sair da zona de conforto como artista.

No entanto, compreendi, ao longo do percurso, que desenvolver uma prática no graffiti não se limita apenas ao exercício da criação. É necessário também compreender o contexto histórico e social que dá origem a essa linguagem, para então, entender como me insiro nesse espaço como mulher, artista e grafiteira na realidade atual. Assim, esta pesquisa não se restringe somente ao desenvolvimento de uma poética e prática pessoal, mas também na análise do graffiti enquanto manifestação cultural, social e política, inserida dentro da cultura Hip Hop e das dinâmicas urbanas.

Para essa construção, trago como base teórica autores que são grafiteiros e pesquisadores, como Lara (1996) e Gitahy (1999), que contribuíram para a compreensão histórica do graffiti no mundo e no Brasil, além de Lassala (2017), que amplia essa reflexão a partir de uma análise das práticas urbanas e da relação entre graffiti e pichação (ou pixação). Ao discutir a presença das mulheres no graffiti, minha análise se apoia nas pesquisas de Magro (2003), Figueiredo (2019) e outras pesquisadoras que refletem sobre os atravessamentos da desigualdade de gênero numa visão geral como também no espaço urbano e na cultura Hip Hop.

Somam-se a essas referências acadêmicas a experiência e vivências com grafiteiras que fazem parte da cena de Bauru, como Mari Monteiro, Azulla e Tat, que

contribuíram com suas próprias trajetórias e influenciaram na minha formação e na construção desta trajetória.

A pesquisa se dá através de uma abordagem qualitativa e exploratória, onde o aprendizado se constrói pela experimentação constante. Para isso, participei de oficinas de graffiti, troquei vivências com grafiteiros e grafiteiras da cidade de Bauru, estudei referências artísticas, mantive um diário de processo (*skecthbook*) e registro fotográfico, além de dialogar com reflexões teóricas sobre processo de criação, especialmente com a base teórica da autora Cecília Salles, que compreende o processo criativo como uma rede em constante transformação.

A partir do segundo capítulo, apresento um breve panorama do graffiti, resgatando sua origem e transformações desde as inscrições mais antigas até sua consolidação como linguagem visual urbana, com ênfase no desenvolvimento do graffiti no Brasil, além da presença das mulheres no cenário bauruense no interior paulista, como também a apresentação dos tipos de letras presentes na prática do graffiti contemporâneo.

O terceiro capítulo apresenta motivações e os primeiros passos no surgimento da minha poética no graffiti, tendo o olhar como princípio criativo. Aqui, compartilho como a observação da cidade, suas dinâmicas e seus detalhes se tornaram ponto de partida para meu processo artístico, além de discutir o surgimento do meu vulgo “PSIU” e do símbolo do olho como elemento central da minha trajetória experimental com o graffiti.

No quarto capítulo, relato o desenvolvimento do meu processo de criação de letras no graffiti. Detalho como se deu meus estudos e experimentações desde os rascunhos no papel até a prática nos muros, passando pela exploração também dos materiais, dos suportes, e pelas referências de outros *graffiti writers* que influenciaram na construção do meu próprio estilo, com foco no *throw up* e na estética de *bubble letters*.

O quinto capítulo apresenta os frutos desse processo, trazendo os registros dos trabalhos realizados em diferentes contextos, como eventos e ações coletivas na cidade de Bauru/SP.

Por fim, nas considerações finais, trago uma reflexão pessoal sobre os aprendizados, desafios e desdobramentos desta trajetória experimental enquanto artista e mulher no graffiti e o impacto que foi gerado ao fim dessa pesquisa.

2. O GRAFFITI NA HISTÓRIA E SUA CENA ATUAL

Uma prática que carrega muito mais do que cores nos muros e assinaturas nas ruas. Carrega histórias, territórios, contextos e resistências. Este capítulo apresenta uma breve visão da origem do graffiti no mundo, desde as primeiras inscrições feitas pelo ser humano até sua consolidação como linguagem visual nas cidades. No Brasil, o graffiti se fortalece especialmente em São Paulo, ganhando características próprias a partir das realidades sociais e culturais.

E é nesse caminho que também faz sua presença no interior de São Paulo, mais especificamente, em Bauru, cidade onde se desenrola minha trajetória como grafiteira e onde construo minha identidade dentro dessa cena. Assim, por ser uma pesquisa desenvolvida em Bauru, busca-se também compreender as vivências das mulheres no graffiti, refletindo sobre os desafios, as barreiras e as potências de ocupar esse espaço sendo mulher. Além disso, ao final deste capítulo é apresentado os tipos de graffiti que estão presentes atualmente na cena com foco na criação de letras.

2.1 Origem e desenvolvimento

Grafite? Graffiti! A palavra *graffiti* é o plural da palavra italiana *graffito*, que remete ao significado de inscrições ou desenhos em paredes, rochas e outras superfícies, tanto na antiguidade quanto no contexto moderno e contemporâneo. O graffiti, enquanto prática de inscrever marcas em paredes, acompanha a história humana há milênios, tornando essa expressão um ato milenar. Desde as pinturas rupestres, nas inscrições em Pompéia ou manifestações políticas e sociais em diversos momentos e lugares do mundo, as marcas em paredes sempre desempenharam um papel importante na necessidade humana de se comunicar visualmente.

As primeiras manifestações artísticas feitas pelo ser humano remontam à pré-história, quando as paredes de cavernas foram transformadas no primeiro suporte para a criação de artes rupestres. As criações desses povos indicam não apenas uma expressão artística, mas uma forma de comunicação e interação com o mundo ao redor. O uso das superfícies das cavernas como um meio de registrar a realidade cotidiana é uma prática que, embora milenar, antecipa o conceito de graffiti, no qual o espaço público é também ocupado com marcas e símbolos.

Figura 1 – Pichações de Pompéia.



Fonte: <<https://www.portoribeiro.com/pichacoes-de-pompeia-cidade-romana-abandonada/#post/0>>

Esse impulso de marcar o ambiente e deixar uma herança visual persiste ao longo dos séculos e se manifesta em outras culturas e civilizações. Funari (1989) e Varone (2001) utilizam o termo “grafite” e “graffiti” para se referir a Roma Antiga, nas inscrições parietais das cidades, especificamente as encontradas nas ruínas de Pompeia, como mostra a Figura 1. Essas inscrições revelam como os muros da cidade já serviam como suportes para mensagens pessoais, sociais e políticas.

Mais à frente, os anos 60 ficou marcado por uma onda global de protestos e movimentos de resistência que reivindicavam democracia, liberdade de expressão e transformação social. Em diferentes partes do mundo, manifestações explodiram em resposta a regimes autoritários, desigualdades e repressão política. Nesse contexto, houve o fortalecimento do movimento negro, feminista, homossexual (LGBT) e hippie, além de intensa mobilização estudantil e trabalhista conhecido como Maio de 68 na França (Figura 2), que influenciou ainda mais a indignação e protestos ao redor do mundo.

No século XX, com a popularização do uso de tintas em spray, a prática ganhou uma nova dimensão. Durante a revolta estudantil de 1968, em Paris, o spray facilitou a inscrição de mensagens e protestos nas paredes da cidade, tornando-se uma ferramenta essencial para a expressão política e social, como destaca Gitahy:

Após a Segunda Guerra Mundial, começam a ser produzidos materiais em aerosol, como inseticidas, perfumes, desodorantes, etc. As tintas e vernizes em spray descendem do uso da tinta sob pressão de uma bomba compressora, como na pintura automotiva. Assim, o spray substituiu as antigas técnicas de aplicação bucal de vernizes e fixadores nos trabalhos artísticos, e isso significou maior liberdade de movimentos, permitindo também maior velocidade. (Gitahy, 1999, p. 21)

Figura 2 – Maio de 68 na França – Muro em Paris traz a mensagem “sejamos realistas, exijamos o impossível”.



Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/02/18/artigoor-piche-manifestacao-necessaria-numa-sociedade-marcada-pelo-silenciamento/>>

O uso do spray facilitado pela invenção do aerossol, se mostrou uma ferramenta ideal para registrar rapidamente as reivindicações nas paredes da cidade, unindo a arte e o protesto em uma única prática. O graffiti, portanto, passa a ser não apenas uma forma de marcar território, mas também uma linguagem política e social, alinhada às demandas da contracultura, que questionavam as estruturas estabelecidas e buscavam uma nova forma de ver e viver o mundo.

Na mesma década, no Brasil, em meio à Ditadura Militar, a censura limitava a liberdade de expressão. Nesse contexto, surgiram também inscrições nas ruas, como o famoso "abaixo a ditadura" (Figura 3), que eram escritas simples, mas poderosas, de protesto visual contra o regime. Essas movimentações foram fundamentais para a formação de um movimento underground, que, nas décadas seguintes, se expandiria para incluir o Hip Hop e, por consequência, influenciaria o desenvolvimento do graffiti no país.

Figura 3 – Ditadura Militar – Jovem escreve com spray a mensagem “Abaixo a ditadura”, 1968.



Fonte: <<https://memorialdademocracia.com.br/card/passeata-dos-cem-mil-afronta-a-ditadura>>

Essas práticas de intervenção no espaço urbano sempre acompanharam a humanidade, seja como registros, comunicação ou expressão de resistência. No entanto, o graffiti como conhecemos hoje, associado às letras estilizadas e à cultura Hip Hop, surge nas décadas de 1970, nas periferias de Nova York, composto da união de quatro elementos principais: o som do DJ, a criatividade do MC (Mestre de Cerimônia), a dança do Breaking e as pinturas do Graffiti. E ainda há um quinto elemento: o Conhecimento, muito importante, pois nenhum elemento existe sem o outro, então é através do respeito e coletividade que esse conhecimento se fortalece dando assim continuidade para que essa cultura se mantenha viva ao longo das gerações.

Figura 4 – Tags de grafiteiros e grafiteiras em New York nos anos 70.



Fonte: *Subway Art* de Martha Cooper e Henry Chalfant, 1984.

Inicialmente, jovens começaram a escrever seus nomes, apelidos ou assinaturas nas ruas, trens e muros da cidade, dando origem a um movimento que, com o tempo, se expandiu e ganhou reconhecimento como linguagem artística urbana como mostra acima na Figura 4. Gitahy (1999) aponta como pioneiros dessas inscrições: Taki 183, Barbara 62, Eva 62, Lady Pink e Zephir, que começaram a criar suas *tags*¹ adicionando o número de suas ruas aos seus nomes. Depois, essas assinaturas evoluíram, ganhando cores, brilho e formas maiores e mais elaboradas (Figura 5). E mais do que uma simples prática de escrever nomes, o graffiti desenvolveu códigos, estilos e estéticas próprias, especialmente voltadas para o desenho de letras, que se transformam em formas visuais potentes, carregadas de identidade e pertencimento. Nesse mesmo contexto, Lara destaca:

Nos grandes centros urbanos norte-americanos, o grafite havia se iniciado com inscrições feitas inicialmente com pincel atômico e depois com *spray*, nos muros dos bairros e paredes do metrô. Eram as *tags*, ou "assinaturas". O fenômeno se alastrou por toda a cidade de New York atingindo os trens, tapumes, carros e caminhões, postes e tudo que pudesse servir de superfície para estas inscrições. Verdadeiras assinaturas identificavam a gangue que dominava aquele território. Muitas vezes, acrescentavam às *tags* os números das ruas frequentadas pelos grafiteiros. [...] As letras distorcidas e desenhos feitos a mão livre, que estavam associados às atitudes e costumes de suas gangues, representavam um movimento que se espalhou de forma rápida (constituindo o início do *hip hop*), mas que também foi fortemente reprimido. (Lara, 1996, p. 53-54)

¹ Tag é um termo utilizado para se referir as assinaturas estilizadas feitas na rua por grafiteiros e pixadores.

Figura 5 – Graffiti de letras em vagões de trem em Nova York nos anos 70.



Fonte: *Subway Art* de Martha Cooper e Henry Chalfant, 1984.

A seguir, apresento um breve panorama do graffiti no Brasil, observando também os desafios e fortalecimento da presença feminina na cidade de Bauru/SP, assim como os tipos de letras presentes nessa linguagem artística.

2.2 São Paulo – Brasil

Nos anos 1980, o graffiti brasileiro começou a emergir, principalmente em São Paulo, onde a cultura Hip Hop se consolidava e ganhava popularidade. Os muros da cidade se tornaram suportes para essa nova forma de expressão com jovens grafiteiros, inspirados pelo que viam nos EUA, que passaram a marcar presença no espaço urbano, adaptando o estilo norte-americano ao contexto urbano e social brasileiro.

Assim como ocorreu nos EUA, o Hip Hop no Brasil se tornou uma ferramenta de identidade e voz para jovens marginalizados. Mesmo após o fim da ditadura, muitos continuavam enfrentando exclusão social e a falta de liberdade de expressão, mas o Hip Hop trouxe um novo caminho, baseado na coletividade e na arte de rua.

Figura 6 – Centro de São Paulo, 2024.



Fonte: Acervo pessoal.

Na metade da década de 1980, o graffiti se popularizou em encontros no centro de São Paulo, especialmente na região da Estação São Bento, que se tornou um importante ponto de encontro, onde jovens de diversos bairros se reuniam para dar corpo ao movimento Hip Hop. Nesse ambiente, o graffiti ganhou contornos artísticos mais elaborados com a criação de letras e personagens; e passou a ser interpretado como uma extensão do estilo de vida e dos valores desses jovens integrados à cultura Hip Hop.

Influenciados pela revistas de música americanas e pelas imagens da MTV (na qual o *rap* e a *break music* apareciam juntas com um tipo de grafite associado às gangues americanas e seus problemas), alguns jovens de São Paulo copiaram esse estilo de grafite do movimento negro norte-americano. Nele as figuras geralmente são ilustrações efetuadas a mão livre, em várias cores. Um mesmo desenho aparece em vários grafites do grupo juntamente com as letras do mesmo tipo que as vezes falam de temas diferentes. O contraste entre as cores também é valorizado. (Lara, 1996, p. 57)

Esse desenvolvimento é relatado também pelos artistas precursores do movimento no Brasil, conforme apresentado no documentário, *OSGÊMEOS: SENTIDOS*, que destaca a explosão criativa e a importância dos grafiteiros e de outros artistas na construção do Hip Hop brasileiro. Lara (1996) aponta que, com a profissionalização dos grafiteiros da segunda geração e a influência do Hip Hop, o graffiti em São Paulo, mesmo com os maus olhares por ser um ato de origem marginal, se tornou parte integrante da cultura urbana, passando a ser incorporado à linguagem do cotidiano e oferecendo aos jovens dos bairros populares não apenas uma alternativa econômica, mas também um meio de participação ativa na vida cultural da cidade.

Figura 7 – Praça totalmente coberta de graffiti em Santana – São Paulo, 2019.



Fonte: <<https://asfalto.blogosfera.uol.com.br/2019/09/25/sopa-de-letras-celebra-dez-anos-de-graffiti-anos-90-na-zona-norte/>>

No Brasil, surgiu também uma diferenciação única entre graffiti e pichação (ou pixação). Embora compartilhem origens, materiais e suportes, os termos adquiriram significados distintos. Como aponta Lassala (2017), essa separação é um fenômeno tipicamente brasileiro, inexistente no contexto internacional. A pichação, predominante nas grandes cidades, especialmente em São Paulo, surgiu quase simultaneamente ao graffiti, mas com objetivos e características diferentes.

Enquanto o graffiti passou a ser valorizado como manifestação artística, carregando diferentes estéticas e identidades, a pichação assumiu também sua própria identidade, mas através da ação transgressora e provocativa. As inscrições dos pichadores em São Paulo, com seu estilo tipográfico ilegível, são uma forma de marcar território. No entanto, essa ação acontece sempre de maneira ilegal e em diversos locais da cidade, sendo mais impactante em espaços de difícil acesso, como prédios altos e monumentos.

Fora do Brasil não existe diferenciação entre grafite e pixação, normalmente todas as manifestações estéticas são encaradas como subdivisões do grafite e identificadas ou como manifestações estéticas (legais) ou como ações de caráter ilegal.” (Lassala, 2017, p. 130)

Figura 8 – Pixação SP – foto por @fabiovieirafotorua, 2021.



Fonte: <https://www.instagram.com/_spixo>

Lassala (2017) explica que, em São Paulo, existe um tipo específico de pichação chamado "pixação", com "x", característico da cidade. Esse estilo, desenvolvido principalmente por grupos paulistanos, apresenta letras de difícil compreensão para o público em geral, sendo decifrado apenas por pixadores e algumas pessoas mais atentas. Por essa razão, muitas pessoas enxergam a pixação de forma negativa, associando-a à poluição visual do espaço urbano. Ainda assim, esse estilo, conhecido como *Tag Reto*, se tornou uma marca visual muito presente na cidade como mostra a Figura 8.

Tanto o graffiti quanto a pichação são expressões poderosas, cada uma com sua linguagem e modo de atuação, refletindo as realidades sociais de suas comunidades e a disputa pelo espaço urbano. Todas essas distinções ressaltam não só a diversidade das intervenções urbanas, mas também a complexidade da relação dessas práticas com o espaço público.

Mesmo assim, a legalidade do graffiti ainda gera alguns debates. Um exemplo disso foi a ação do ex-prefeito de São Paulo, João Dória em 2017, que apagou um dos maiores murais de graffiti de São Paulo, da Avenida 23 de Maio (Figura 9) sob o programa "São Paulo Cidade Linda", numa ação de "limpeza" da cidade, evidenciando a resistência institucional à arte urbana. Por outro lado, a legislação brasileira, que por muito tempo tratou o graffiti junto da pichação como crime ambiental ou vandalismo,

passou a demonstrar algum reconhecimento. Em 2011, o graffiti foi descriminalizado e, em 2024, passou a ser oficialmente reconhecido como manifestação cultural do Brasil, consolidando sua importância no cenário artístico brasileiro.

Figura 9 – Um pequeno recorte do corredor de graffiti de 15 metros da Av. 23 de Maio que foi apagado pelo ex prefeito da capital, João Dória em 2017.



Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html>

Entretanto, ainda hoje é nítida a visão negativa que ainda se faz presente sobre o graffiti ser um ato de vandalismo, porém não se pode esquecer que o graffiti é uma forma de apropriação do espaço público e de dar visibilidade a indivíduos e grupos que não têm acesso a outras formas de expressão. Então, não deve ser visto apenas como uma forma de "invadir" os espaços, mas sim de trazer à tona discussões, educar e despertar consciência sobre a cidade, sua diversidade e suas necessidades reais. Essa visão de um espaço urbano com mais identidade e democrático é algo que o graffiti sempre vai defender.

Para os amantes de arte na rua, São Paulo é vista como um dos principais polos de graffiti no mundo, onde a grande metrópole se apresenta numa vasta gama de formas, cores e estilos. Ao mesmo tempo, essa prática se desdobrou em duas vertentes: uma voltada para a intervenção espontânea, cultural e social nas ruas, e outra que, ao se fortalecer e profissionalizar, passou a dialogar com o universo das artes plásticas, manifestando presença também em outros espaços como museus, galerias e eventos culturais.

O fortalecimento do graffiti no Brasil gerou não apenas maior visibilidade, mas também o surgimento de diversos eventos e festivais de ações coletivas que têm contribuído para a revitalização urbana, o fortalecimento da cultura hip hop, da comunidade local e dos artistas urbanos. O *Meeting of Styles Brasil*, *Meeting of Favela*, *Festival Street of Styles*, *Na Lata Festival* e *Rua Walls Festival* são apenas alguns exemplos de encontros que vêm acontecendo pelo Brasil e que mostram nas figuras abaixo, como o graffiti se tornou um fenômeno cultural que atravessa as fronteiras do país e se expande globalmente.

Figura 10 – Na Lata Festival – São Paulo/SP – 2024.



Fonte: <<https://www.instagram.com/nalata.festival>>

Figura 11 – Meeting of Favela – Rio de Janeiro/RJ – 2024.



Fonte: < <https://www.instagram.com/meetingofavela>>

Figura 12 – Meeting of Styles – Florianópolis/SC – 2023.



Fonte: <<https://www.instagram.com/meetingofstylesbrasil>>

Esses encontros não são apenas oportunidades para os grafiteiros se expressarem em grandes murais, mas também promovem um espaço de troca de conhecimento e vivências entre artistas de diversas partes do Brasil e do mundo. Isso resulta em um fortalecimento da cena do graffiti no Brasil, criando uma rede de apoio entre artistas e uma sensibilização do público para o graffiti como uma forma legítima de arte. Muitos desses eventos ocupam muros e prédios, mas também criam diálogos com a comunidade, trazendo para o centro das discussões questões sobre a identidade da cidade, pertencimento e a necessidade de uma arte mais acessível e democrática.

Desta maneira, a cena do graffiti em São Paulo e no Brasil continua em expansão, refletindo as dinâmicas sociais e culturais da cidade. Enquanto o graffiti se fortalece como uma expressão artística legítima, ele mantém seu caráter rebelde e social, reafirmando sua conexão com o Hip Hop e sua capacidade de ser uma ferramenta de transformação no espaço urbano.

2.3 Bauru e a presença das mulheres

Falar sobre a presença das mulheres no graffiti é falar de resistência e de ocupação de um espaço que, muitas vezes, ainda é negado às mulheres. Meu percurso dentro da cena do graffiti em Bauru é atravessado por desejos, medos e inseguranças que vão muito além do domínio da técnica. Cada traço, cada cor, cada letra carrega não só uma estética, mas também uma afirmação de existência, pertencimento e luta por ocupar um espaço delimitado aos homens. O simples fato de ocupar a rua, de deixar nosso nome ou nosso trabalho em um muro, ainda hoje é um ato de coragem e, muitas vezes, de enfrentamento.

As mulheres, acessando os espaços públicos, geram pelo menos dois medos [*ao pensamento masculino*]: que isso subverta sua boa vontade de performar os papéis domésticos e que isso ofereça um novo mundo público disponível, com uma vida não apenas definida pela família e pelo marido. (MASSEY, 1994, p. 180)

Antes e até durante minha trajetória, levou certo tempo até ter a coragem de assumir para mim e para os outros a intenção de me tornar grafiteira. Esse caminho foi atravessado por medos, inseguranças, julgamentos internos e por uma sensação estranha de que talvez aquele espaço não fosse para mim. Um dos momentos mais expressivos desse “estranhamento” foi em meu primeiro evento de graffiti em

Bauru/SP, uma “Sopa de Letras²”. Apesar de ter sido bem recebida pelos anfitriões e de ter sido muito gratificante realizar um graffiti em um evento, era nítido que a presença masculina dominava aquele espaço. Eu olhava em volta e pensava: e as *mulheres*? A pouca presença delas não era apenas visual, era sentida no corpo. O ambiente me causou certo desconforto, me senti deslocada e fiquei me perguntando se um homem sentiria o mesmo. Provavelmente, não. E essa é uma diferença importante a se observar.

Essas questões acerca do gênero, o machismo e as barreiras que as mulheres vivenciam no graffiti, assim como na cena do Hip Hop como um todo, também se faz presente nas pesquisas de autoras que além de trazer relatos de grafiteiras no Brasil sobre essa realidade, também apontam sobre a escassez de pesquisas com o tema de graffiti que tratam sobre a presença das grafiteiras no movimento (Figueiredo, 2019; Magro, 2003). Assim, percebe-se, que não sou a primeira a sentir esses “estranhamentos” e também não serei a última.

A exclusão das mulheres muitas vezes não acontece de forma escancarada aos olhos deles, mas para as mulheres é bem evidente. Ela está na invisibilidade das mulheres em eventos, nas curadorias de exposições, nas piadinhas, no silenciamento de falas ou na forma como somos tratadas quando estamos começando. São ações (ou omissões) que constroem um ambiente desfavorável ou desmotivador. Um exemplo recente foi a exposição “Além das ruas: histórias do grafite”, com curadoria do grafiteiro Binho em São Paulo, em que a presença feminina foi praticamente ignorada, gerando o protesto de grafiteiras e pichadoras em frente ao Itaú Cultural (Figura 13). Então, não se trata apenas de participação, mas também de valorização e respeito.

² Sopa de Letras é uma prática comum em diversas cidades, onde artistas de rua se unem para celebrar a cultura hip hop na realização de um mural extenso e coletivo com preenchimento de letras de graffiti, personas e pixações, cada um com seu estilo próprio.

Figura 13 – Protestos em frente ao Itaú Cultural de grafiteiras e pixadoras em São Paulo, 2023.



Fonte: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/07/09/grafiteiras-e-pixadoras-protestam-no-itaucultural-contra-apagamento-feminino-na-arte-urbana/>>

O patriarcado, o racismo e o capitalismo, como princípios que sustentam as desigualdades sociais, impõem limites para a vida dessas jovens. O poder exercido pela dominação de classe, pelo sexismo e pelo racismo não tem acontecido apenas por forças abusivas, mas tem estado principalmente enraizado na vida cotidiana construindo práticas, influenciando suas vidas e limitando as possibilidades de mudança social. (MATIAS-RODRIGUES & ARAÚJO-MENEZES, 2014, p.711)

O graffiti, por mais que seja uma linguagem de contestação, também reproduz, muitas vezes, essas estruturas influenciadas pelo machismo. A falta de mulheres em eventos, nas ruas ou nas curadorias não é fruto do acaso. Ela está diretamente ligada às barreiras visíveis e invisíveis que tentam nos afastar desses espaços. Como bem coloca Silva (2007):

Os espaços de constrangimento, como a rua em determinados locais e horários, ou espaços de confinamento, como as residências em periferias distantes, são claramente elementos que tanto se referem às diferenças de acesso físico entre mulheres e homens a determinados espaços, como a construção de barreiras invisíveis criadas pelo olhar e força daqueles que impõem sua ordem e alcançam legitimidade. (SILVA, 2007, p.120)

Além disso, a insegurança de pintar sozinha, a falta de respeito ou o assédio infelizmente ainda fazem parte das vivências de muitas mulheres grafiteiras. Portanto, a questão de gênero acaba por atravessar várias camadas na prática artística de uma

mulher no graffiti. Desde a escolha do local onde pintar até o momento de pensar no que vestir, com quem ir, que horas ir, então, muitas vezes, o que está em jogo é a segurança.

Muitas grafiteiras evitam pintar sozinhas, outras preferem locais autorizados para se sentirem mais seguras. No meu caso, percebo o quanto fatores como horário, localização e companhia influenciam diretamente minhas decisões para me sentir mais confortável e segura. Para muitos homens, essas preocupações também se fazem presentes, mas não são tão centrais. Para nós, mulheres, são constantes que se tornam um alerta e preocupação maior diante da realidade que enfrentamos ao ocupar o espaço público. O espaço urbano, seja na arte de rua ou no cotidiano, ainda testa constantemente a resistência emocional e física das mulheres.

A partir das trocas e das vivências com outras grafiteiras de Bauru (Figura 14), como Mari Monteiro, Azulla e Tat, percebi que, apesar das trajetórias diferentes, compartilhamos desafios e visões em comum. Nossas trocas mostraram que, para além dos limites impostos, há força, criatividade e desejo de se fazer presente na cidade. Dentro desse contexto, Chermie Ferreira (2021), grafiteira e idealizadora do coletivo *Graffiti Queens* ressalta o poder da representatividade:

Milhares de mulheres circulam pelas ruas, pelas cidades. Mas, a cidade não foi feita pras mulheres. Mesmo lutando por direitos, não nos sentimos no direito de estar nas ruas. Principal e melhor, o fato de não estarmos intervindo na rua é o cruel MACHISMO. O machismo é o principal inimigo das mulheres, machismo que oprime, machismo que mata, que inviabiliza. Quando as mulheres passam a se colocar como o sujeito que tem direito, de não se oprimir e vai pra ruas pra lutar, pra intervir, empoderam-se essas mulheres e outras mulheres. A representatividade dá força. A rua é um espaço de disputa e a nova geração de mulheres está vindo com essa energia de mudança. Mulheres ocupando a cidade nas lutas trabalhistas, em movimentos sociais, em políticas e nas artes urbanas (graffiti e pixação). (FERREIRA, 2021, p.5-9)

Nesse processo percebi a importância da coletividade e da rede de apoio formada entre mulheres. São mulheres que, além de artistas, são referências de construção e fortalecimento da presença feminina no graffiti local.

Figura 14 – Grafiteiras de Bauru – Azulla (@a.z.u.l.l.a), Mari Monteiro (@marimonteiro.art) e Tat (@_taaaaat_ / Foto por: Nunk @agidknun).



Fonte: Instagram

Mari Monteiro começou com o graffiti enquanto atuava como professora na Fundação Casa de Bauru, depois passou a vivenciar o Hip Hop por meio da Casa do Hip Hop e da Semana do Hip Hop em Bauru. Pintava corações com frases de empoderamento feminino nas ruas e, anos depois, sua identidade se consolidou com o caligraffiti, que se tornou a sua marca registrada. Sua produção com o caligraffiti mistura a caligrafia e criatividade, brincando com palavras e com a imaginação do público. É referência nacional no caligraffiti e já participou de exposições com seus trabalhos, realiza oficinas e se faz presente em diversos eventos de graffiti no Brasil e países da América Latina.

Azulla conheceu o graffiti na adolescência, influenciada pela cultura de rua, pelo skate e pelo Hip Hop. Seu trabalho se expressa a partir de sua persona, misturando elementos de fogo e água, refletindo sua essência com atitude e autenticidade. O graffiti faz parte do seu estilo de vida, e dessa forma valoriza muito o apoio entre mulheres, ela reforça que o suporte mútuo entre mulheres é o que faz a diferença. E também é presença forte em eventos de graffiti e Hip Hop em Bauru e Região.

Tat também é grafiteira, mas se destaca por sua atuação ampla dentro da cultura Hip Hop. Se dedica atualmente, principalmente à produção cultural, captando recursos públicos e privados promovendo projetos e eventos que abrem caminhos para novos talentos através do Hip Hop. Após se mudar para Bauru, conheceu o graffiti através da Casa do Hip Hop, onde passou a atuar em oficinas e a integrar a

Frente Feminina de Hip Hop de Bauru. Tornou-se referência para outras grafiteiras na cidade, deixando claro em suas movimentações que mulheres também pertencem às ruas da cidade.

Em Bauru, apesar da presença feminina ainda ser minoria nos eventos e nos muros da cidade, isso não significa que estamos ausentes, percebo que há uma movimentação crescente. Muitas mulheres seguem criando, mesmo que por vezes de forma menos frequente, seja por pausas necessárias, responsabilidades com a maternidade, trabalho, ou simplesmente pelos atravessamentos que esse espaço, muitas vezes hostil, nos impõe. No entanto, é nítido que hoje há uma mudança em andamento. Percebe-se o surgimento de novos rostos, de mais mulheres interessadas em aprender, em trocar vivências e ocupar a rua. E eu sou uma delas, diretamente influenciada por essas que vieram antes e seguem abrindo caminhos.

O lema “*Respeite as minas*”, tão presente nas rodas de conversa e nos próprios muros, carrega muito mais do que uma frase: é um grito coletivo que reafirma nossa existência e a importância da nossa presença na rua. Como aponta a Chermie Ferreira (2021, p. 7), “*essa frase acaba sendo um estímulo para muitas minas que, por causa do machismo, não começam a ocupar a cidade com suas intervenções*”. A presença das mulheres no graffiti não é só estética; é política. É dizer que existimos, que ocupamos e que temos direito à cidade. Como também pontua Magro (2003):

Experiências de meninas que transgridem, ocupam o espaço fincado pela bandeira do macho, tentam construir outros corpos de mulher no espaço urbano de periferia, num embate consigo própria, para *ser o que se é* – não como um núcleo estático, estruturado e cristalizado naturalmente – mas como possibilidade estratégica de reivindicar um lugar no mundo, ser reconhecida como ser que se expressa, cria, vivencia seus sentidos, modula sua própria voz - seja aguda, dissonante ou desafinada. Elas marcam presença nas ruas, pelas cores que são grafitadas nos muros, e que revelam a elas próprias suas identidades no transitar pelo espaço público, mostrando a existência vivida, do preto-e-branco às cores. (Magro, 2003, p. 199)

Mesmo diante dos obstáculos, as vivências com essas mulheres revelaram que a presença feminina no graffiti é potente e revolucionária. Ocupar os muros com suas vozes visuais, letras e personagens é um ato social e político que enfrenta a exclusão simbólica e material que marca os espaços urbanos. Quando a gente se reconhece na trajetória de outras mulheres, quando vê que é possível ocupar esse espaço, isso vira combustível. Por isso, referências femininas tanto locais quanto nacionais, coletividade e redes de apoio são fundamentais para o fortalecimento na cena. Não

basta saber que existe graffiti, é preciso enxergar que, nós, mulheres, também podemos e devemos fazer parte disso.

Atualmente, existem diversos projetos, eventos e festivais que colocam mulheres como protagonistas no graffiti. Dois exemplos de destaque no Brasil são o “Projeto Grafitar”, de São Paulo (SP), e o Graffiti Queens, de Manaus (AM), que promovem ações de oficinas de graffiti para mulheres e também na realização de festivais de graffiti só com mulheres artistas urbanas. Além disso, existem várias *Crews*³ femininas espalhadas pelo Brasil, e inclusive, na região de Bauru, temos a *Asativas Crew*, formada por mulheres atuantes no graffiti e nos outros elementos da cultura Hip Hop. Na cidade de Bauru, também há a atuação da Frente Feminina Hip Hop de Bauru, que organiza eventos como o *Ah! Campton – Acampa Hip Hop*, promove oficinas de Hip Hop e também rodas de conversa em volta do tema do feminismo.

Essas iniciativas mostram que a presença feminina no graffiti não é exceção: é uma construção coletiva que resiste e avança, apesar das barreiras. Por isso, é fundamental que essas discussões estejam cada vez mais presente, não apenas entre as mulheres, mas também entre os homens que fazem parte da cena. Reconhecer comportamentos machistas e escolher agir de forma consciente é parte do processo. Afinal, fomentar a participação feminina no graffiti não é “dar espaço” ou “fazer um favor”. É reparar uma desigualdade histórica, é entender que a diversidade fortalece a cena, amplia as linguagens e transforma a cidade. A luta por inclusão não exclui ninguém, pelo contrário, convida todos a crescerem juntos. Quanto mais diversidade entrar na cena, mais o graffiti se fortalece, então incluir é multiplicar possibilidades e garantir que possam existir e se expressar com liberdade.

2.4 Tipos de letras no graffiti

Entre as múltiplas formas de expressão dentro do graffiti, as letras ganharam um papel central nesta pesquisa. Mais do que simples inscrições, elas representam identidade, estilo e a busca por reconhecimento em conexão com a cultura Hip Hop. Desde as *tags*, que são simples assinaturas, até composições elaboradas e

³ A palavra em inglês se refere a um grupo ou coletivo de artistas de rua que atuam juntos em projetos de graffiti e/ou da cultura Hip Hop.

complexas, as letras no graffiti evoluem constantemente, refletindo a criatividade e a experimentação das grafiteiras e grafiteiros.

Desta maneira, a escrita no graffiti não se limita a registrar apenas um nome no espaço urbano, mas se torna uma manifestação artística única. O *graffiti writer*, termo que define o grafiteiro que se dedica exclusivamente à criação de letras, está sempre aperfeiçoando sua técnica e explorando novas formas de expressão através das letras. Esse processo contínuo de inovação e aprimoramento torna cada estilo de letra uma marca pessoal e visualmente impactante em meio a cidade.

A seguir, serão apresentados os tipos e estilos de letras no graffiti contemporâneo, destacando suas características e suas influências dentro da cena do graffiti. As informações aqui reunidas foram construídas a partir da participação em oficinas de graffiti e das trocas com grafiteiras e grafiteiros. Trata-se de um conhecimento que dificilmente se encontra em livros, mas que circula principalmente por meio da prática e de convivência entre os próprios artistas da cena.

Tag: A *tag* é a forma mais básica na criação de letra no graffiti, funcionando como uma assinatura estilizada do artista (Figura 15). Criada com traços rápidos e fluidos, geralmente em uma única cor, é feita em poucos segundos e tem como principal objetivo marcar presença no espaço urbano. Sua simplicidade permite que as grafiteiras(os) espalhem seus nomes por diversos locais, consolidando sua identidade dentro da cena do graffiti. Embora seja a base do graffiti, a *tag* exige habilidade para criar um traço fluido e estilizado, assim cada grafiteira(o) desenvolve um estilo próprio, resultando em assinaturas únicas.

Figura 15 – Tags feitas numa porta na rua.

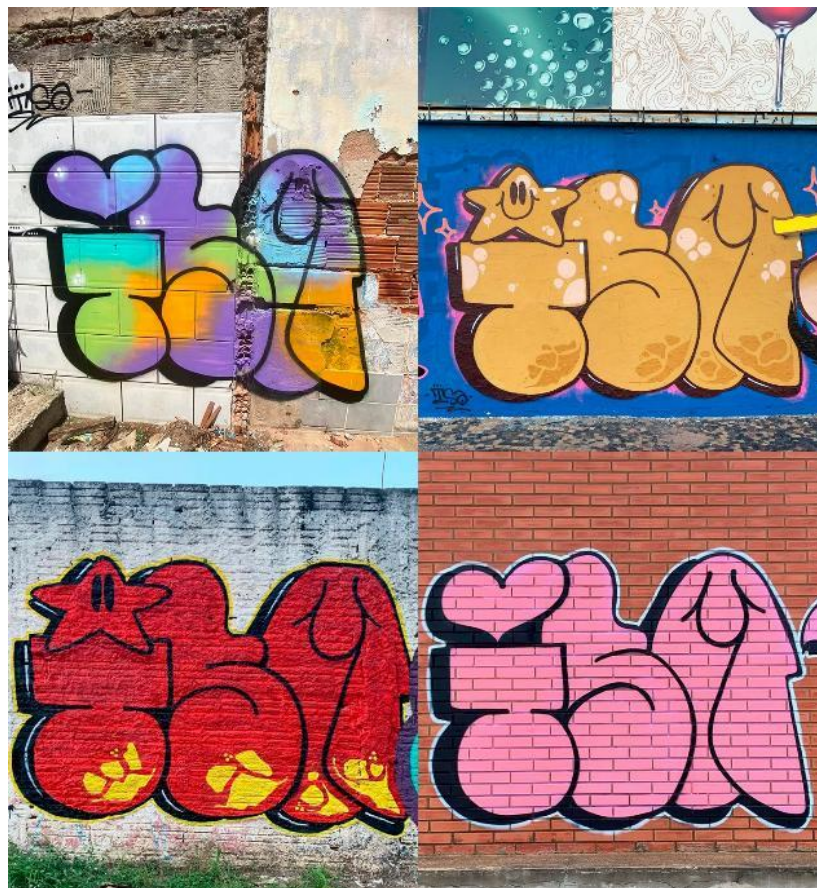


Fonte: Pinterest <<https://br.pinterest.com/>>

Throw up: O *throw up* no graffiti vem da expressão em inglês “*to throw up*”, que significa literalmente “vomitar” (Figura 16). No contexto do graffiti, essa expressão descreve a rapidez e a fluidez desse estilo, como se as letras fossem jogadas rapidamente nos muros, de forma espontânea e ágil. Caracteriza-se por letras grandes e arredondadas, geralmente com contornos grossos e preenchimento rápido. Sua presença é comum em áreas urbanas movimentadas, pois pode ser executado rapidamente e com poucas cores, geralmente duas ou três.

Bomb ou bombing: O *bomb* é uma ação dentro do graffiti, caracterizada pela execução repetitiva e em grande escala de *throw ups* sem autorização reforçando a ideia de um “bombardeamento” visual pela cidade. O objetivo é cobrir o máximo de áreas possíveis em um curto período de tempo, garantindo que o nome da grafiteira(o) seja amplamente visto na cidade. Diferente do *throw up*, que é um estilo de letras, o *bomb* se refere ao ato/ ação de espalhá-los estrategicamente pelo espaço urbano. Por se tratar de uma ação ilegal, o *bomb* se aproxima da pixação em termos de não autorização, mas mantém a estética do graffiti.

Figura 16 – *Throw ups/ bombs* da grafiteira Isa (@isa.graff_).



Fonte: Instagram

Piece: O *piece* é a abreviação de "*masterpiece*" (obra-prima), representando um estilo mais elaborado e detalhado do graffiti (Figura 17). Diferente da *tag* ou *throw up*, o *piece* envolve uma maior complexidade técnica, com letras que podem ser mais quadradas e angulares ou até arredondadas, dependendo do estilo da grafiteira(o). Geralmente, são utilizadas cores vibrantes, com mais trabalho de luz e sombra, criando uma sensação visual impressionante.

Esse estilo é uma verdadeira obra de arte, pois demonstra não só habilidade, mas também muita criatividade. As grafiteiras(os) que se dedicam a esse estilo buscam expressar sua identidade incorporando temas de interesse pessoal ou social em suas criações. Além disso, muitos artistas exploram a tridimensionalidade, utilizando perspectiva para dar a sensação de que as letras estão saltando da parede, criando um efeito de profundidade. A criação dentro desse estilo exige mais tempo para ser produzido, evidenciando o controle técnico e a criatividade do artista. O *piece* se destaca como uma forma de expressão mais refinada dentro do graffiti, transformando as letras em intervenções visuais de grande impacto no cenário urbano.

Figura 17 – *Piece* da grafiteira Laia (@iamlaia).



Fonte: Instagram

Wild Style: representa o nível mais avançado na criação de letras no universo do graffiti. Ele se caracteriza por uma elaboração visual complexa, onde as letras são distorcidas, entrelaçadas e frequentemente sobrepostas com elementos gráficos como setas, pontas agudas e formas geométricas (Figura 18). Essa técnica transforma a escrita em uma composição abstrata, onde a tridimensionalidade se realça pelo uso de cores intensas e degradês que proporcionam profundidade e movimento à obra.

Mais do que uma simples estilização de letra, é um verdadeiro desafio técnico e criativo. Ele exige da grafiteira(o) um alto grau de precisão e controle, pois cada traço e cada sobreposição devem se integrar harmonicamente, mesmo quando o resultado final parece caótico. Essa complexidade não só dificulta a leitura para quem não está no meio, mas também convida à apreciação visual, fazendo do *wild style* um dos estilos mais icônicos e surreal do graffiti, especialmente entre as grafiteiras(os) e amantes da arte urbana. O *wild style* vai além da comunicação simples, criando um enigma visual que reflete a evolução e o dinamismo na criação de letras no graffiti.

Figura 18 – *Wild style* da grafiteira Musa (@musa71_)



Fonte: Instagram

Grapixo: O grapixo é uma fusão do graffiti com a pixação. Essa prática une a estética “Tag Reto”, típica da pixação de São Paulo, às características do graffiti, como o uso de contorno, cores, luz e sombra (Figura 19). Geralmente, utilizam o rolinho de pintura para o preenchimento e a tinta spray para aplicar o contorno e detalhes. Nesse estilo, as letras se desenvolvem de forma mais elaborada, com a adição de duas ou mais cores no contorno e no miolo, e podem apresentar sombreamento para criar uma sensação de tridimensionalidade. Assim, o grapixo representa um diálogo entre duas linguagens urbanas, onde a rebeldia e a identidade marcante da pixação se unem a uma nova estética que aproxima a prática dos pixadores junto ao graffiti.

Figura 19 – Grapixo da pixadora Gomid (@mina.de.luva)



Fonte: Instagram

Caligraffiti: É uma linguagem que une técnicas tradicionais da caligrafia com a estética, a liberdade e a expressividade do graffiti (Figura 20). No caligraffiti, as letras ganham um papel mais livre, muitas vezes deixando de ser apenas texto legível para se transformar em formas gráficas, quase abstratas, onde o traço, o ritmo, a composição e a fluidez visual se tornam protagonistas. Essa prática pode assumir várias formas: desde letras legíveis, estilizadas, até composições mais soltas, onde o foco está na estética do traço, nas repetições, nas sobreposições e nas formas que surgem a partir dessas inscrições de caligraffiti.

Figura 20 – Caligraffiti da grafiteira Mari Monteiro (@marimonteiro.art).



Fonte: Instagram

3. O OLHAR COMO PRINCÍPIO POÉTICO

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre as motivações e o princípio do meu processo criativo no graffiti, entendendo como essa prática surge de uma rede de interações, trocas, influências e escolhas, que vão se consolidando à medida que me aproprio da cidade como suporte, linguagem e inspiração.

A partir dos conceitos de processo criativo, na perspectiva da autora Cecília Salles, compreendo que minha prática no graffiti não se dá de forma linear, mas sim como um processo aberto, em constante movimento e transformação. Cada traço, cada letra, cada intervenção no espaço urbano carrega não só uma forma de intervir na cidade, mas também uma busca por sentido, pertencimento e expressão. Ao olhar para a cidade, reconheço nela um campo fértil de narrativas, memórias e possibilidades de criação, onde minha *tag*, minhas letras e meu símbolo – o olho – se tornam formas de dialogar com quem transita por esses espaços.

Portanto, este capítulo busca apresentar como o olhar atento para o ambiente urbano se torna o ponto de partida da minha poética e processo criativo no graffiti. E poética essa que se constrói no cruzamento entre minha vivência pessoal, minhas experiências como artista visual e a relação direta com a cidade, suas dinâmicas e sua constante efemeridade.

3.1 Uma trajetória experimental

Nesta pesquisa, exploro meu desenvolvimento como grafiteira, especialmente na criação de letras e do princípio poético que emerge dessa prática. Para fundamentar essa análise, baseio-me nos estudos de Cecília Salles, que trata a criação artística como um processo contínuo, dinâmico e em rede. Conforme Salles (2006), a criação artística deve ser marcada por interações contínuas entre o artista, seu meio e as circunstâncias que envolvem a obra. Aplicando essa visão ao graffiti, é possível entender como meu percurso artístico é resultado de um ciclo contínuo de experimentação, transformação e diálogo com o espaço urbano.

Salles (2006) ressalta ainda que a criação artística envolve a simultaneidade de ações e é caracterizada por ajustes contínuos, onde o erro e o acaso são partes essenciais do processo. Aplicando essa perspectiva ao meu desenvolvimento experimental no graffiti, percebo que a pesquisa com criação de letras no graffiti se

alinha a essa visão fluida da criação. O processo de criar no espaço urbano é marcado por tentativas, revisões, descobertas e pelo diálogo constante com a cidade, onde cada traço é parte de uma rede de significados que se constrói e se transforma a cada nova intervenção.

Devemos pensar, portanto, a obra em criação como um sistema aberto que troca informações com seu meio ambiente. Nesse sentido, as interações envolvem também as relações entre espaço e tempo social e individual, em outras palavras, envolvem as relações do artista com a cultura, na qual está inserido e com aquelas que ele sai em busca. A criação alimenta-se e troca informações com seu entorno em sentido bastante amplo. (SALLES, 2006, p. 32)

O graffiti é uma forma de poesia visual que se manifesta através da interação do artista com o suporte urbano e o organismo da cidade, ou seja, as pessoas que ali transitam. A partir disso, a minha busca por uma identidade artística, uma poética própria através do graffiti foi alimentada de maneira contínua por um conjunto de fatores que formaram a compreensão que possuo da linguagem urbana, sobretudo, sua influência social e cultural, que se funde ao ambiente urbano, se apresentando, assim, na forma de uma comunicação visual efêmera, porém muito potente e significativa que vive em constante movimentação e evolução.

Essa criação se desenvolve em um sistema aberto de interações, onde o ambiente desempenha um papel fundamental na transformação do processo criativo. No graffiti, essa interação com o espaço urbano, que se transforma constantemente, se aplica ao meu percurso no graffiti, onde a construção de uma poética e prática própria se alimenta de experimentações constantes com técnicas e estilos, além da interação com o contexto social e cultural urbano.

O diálogo com o espaço urbano é essencial, pois cada intervenção é uma resposta ao contexto visual e social da cidade, o que torna a prática experimental fundamental para a criação de uma poética visual dinâmica e interativa que transforme o ambiente. No graffiti, essa interação é visível na maneira como a obra responde ao suporte urbano e à efemeridade da cidade, estabelecendo um diálogo poético com as pessoas que transitam pelos espaços ocupados.

A minha entrada no mundo do graffiti foi marcada por uma série de experimentações e descobertas. O processo criativo na arte urbana foi caracterizado por uma constante busca por novas formas de expressão e por um diálogo com o ambiente urbano.

Esse desenvolvimento não é um caminho linear para um resultado final, mas um processo fluido com constantes ajustes e transformações, onde cada escolha feita no caminho de um artista está conectada a uma rede de interações que guiam o processo em uma direção imprevisível, porém carregada de significado (Salles, 2006). Isso se aplica bem ao graffiti, onde as letras e estilos que criei evoluíram continuamente com cada nova peça, refletindo a natureza inacabada e mutável do graffiti.

Diante da compreensão do contexto histórico do graffiti, seu surgimento, desenvolvimento, assim, como o ponto de vista da cena de Bauru/SP com a realidade feminina nesse movimento, podemos trazer o olhar mais de perto para o meu processo criativo na linguagem urbana, observando também o desenvolvimento da poética com o graffiti a partir da criação de letras.

Então, pela decisão de explorar uma nova prática artística associada à arte urbana, é importante destacar brevemente o percurso, as motivações e as experimentações que me levaram à escolha final de explorar somente o graffiti.

Daí a necessidade de se pensar a criação artística no contexto da complexidade, romper o isolamento dos objetos ou sistemas, impedindo sua descontextualização e ativar as relações que os mantem como sistemas complexos. Uma decisão do artista tomada em determinado momento tem relação com outras anteriores e posteriores. Do mesmo modo, a obra vai se desenvolvendo por meio de uma série de associações ou estabelecimento de relações. (SALLES, 2006, p. 27)

O processo de identificação e de transitar na arte urbana vem de alguns anos, antes mesmo de buscar aprofundamento, influenciado por vivências pessoais e observações cotidianas. A curiosidade era ativada ao andar nas ruas, sentada no ponto de ônibus ou enquanto estava dentro do ônibus, observando os diversos graffiti, pixos e frases, onde me dedicava nos segundos que tinha para tentar entender o que a rua estava comunicando comigo.

Essas observações são de rotina na cidade de Bauru/SP, onde vivo e resido desde a infância. Depois, ganhei novos horizontes com a oportunidade de vivenciar experiências fora do interior. Viajei sozinha entre 2018 e 2019 para conhecer o Uruguai e, de volta ao Brasil, visitei algumas capitais como São Paulo e Curitiba, que me chamaram atenção pela abundância de diferentes tipos de arte urbana em dimensões e estilos variados, que me fizeram observar por bem mais que alguns segundos.

De alguma forma, a arte urbana sempre chamou minha atenção. Como artista visual, observando o graffiti, desenvolvi um laço de admiração e curiosidade sobre os processos criativos e possibilidades dessa linguagem. Isso também me levou a questionar sobre minhas inquietações: como ocupar esse espaço não só como observadora, mas também como artista urbana? Por onde começar? Quem eu posso ser nesse espaço? Como desenvolver meu processo criativo e poético através das inúmeras possibilidades de linguagens artísticas e materialidades ao tomar a cidade como suporte?

Desta maneira, foi fixado o objetivo em aceitar o desafio de sair da zona de conforto como artista visual para iniciar o meu desenvolvimento como artista urbana. Essa decisão me permitiu ser absorvida pela intuição, deixando de criar apenas no papel para explorar novas linguagens em meio ao contexto urbano. Salles discute que a experimentação pode ser guiada pela intuição, conduzindo o artista a testagens, descobertas e transformações ao longo do caminho em suas criações (Salles, 2011, p. 144-148). O movimento criativo se torna uma convivência de mundos possíveis, com diferentes hipóteses sendo testadas continuamente, resultando em um processo contínuo com regressão e progressão infinitas, onde a criação nunca se fecha, mas permanece em constante evolução (Salles, 2011, p. 34).

Além disso, junto a essa inquietação de adentrar em novas linguagens artísticas, surgiram questionamentos sobre o processo criativo. Não há uma observação nítida sobre meu próprio processo criativo, apenas crio seguindo instintos e tendências sem questionar muito, por isso, se nota que ainda não possuo uma poética bem definida ou totalmente consciente. Então, com esta pesquisa, surgiu também a preocupação em relação a isso. Portanto, além de imergir em novas práticas artísticas, é preciso observar e refletir sobre a minha voz artística, minhas motivações, meus "por quês" ao criar, e através disso, unir toda essa essência ao meu objetivo atual como artista: fazer arte na rua!

Neste contexto, Salles (2006) nos convida a observar o processo de criação artística como uma rede dinâmica guiada pela tendencialidade, onde as interações do artista são norteadas por tendências, rumos ou desejos vagos. Essa vagueza impulsiona o artista a agir, buscando a satisfação de uma necessidade criativa que, mesmo sem uma direção completamente clara, o leva à construção de suas obras (SALLES, 2006). Da mesma forma, Salles (2011) acrescenta:

Intuição amorfa, conceito ou premissa geral e miragem são alguns modos de descrever o elemento direcionador do processo. O artista, impulsionado a vencer o desafio, sai em busca da satisfação de sua necessidade. Ele é seduzido pela concretização desse desejo que, por ser operante, o leva a ação. O artista é atraído pelo propósito de natureza geral e move-se inevitavelmente em sua direção. As tendências são, portanto, indefinidas, mas o artista é fiel a essa vagueza. O trabalho caminha para um maior discernimento daquilo que se quer elaborar. A tendência não apresenta já em si a solução concreta para o problema, mas indica o rumo. (SALLES, 2011, p. 37)

À medida que se navega por essa complexidade, é importante reconhecer que não há uma teoria fechada e pronta anterior ao fazer; a ação da mão do artista vai revelando esse projeto em construção (Salles, 2011, p. 47). Ao longo do percurso, essas ações intuitivas, as repetições e experimentações se tornam instrumentos que ampliam as possibilidades de discussão sobre o fazer criativo, destacando a importância de cada experiência vivida.

Assim, por se tratar de uma trajetória pessoal e experimental no graffiti, sob essa dinâmica de autoavaliação e exploração, se torna uma ferramenta essencial para entender e moldar melhor a formação de uma prática e poética no ambiente urbano, portanto, proporciona a oportunidade de trazer um olhar mais atento e profundo sobre as motivações, influências e ações que podem permear no desenvolvimento de uma artista urbana no graffiti.

3.2 Percurso até o graffiti

Depois desses apontamentos e questionamentos sobre a arte urbana e do processo criativo, deu-se início a uma série de pequenas experimentações com algumas linguagens, materiais e técnicas que me chamam atenção e estão presentes na arte urbana, como o estêncil, lambe-lambe e o graffiti (Figura 21 e 22). Como não havia muita experiência com essas linguagens, apenas um breve contato no curso de Artes Visuais com algumas e outras nenhum contato, comecei a experimentar mais de perto os materiais e técnicas que compõem essas linguagens, realizando pequenas intervenções em suportes variados do meio urbano, como muros e postes.

Figura 21 – Estêncil.



Fonte: Acervo pessoal.

Essas primeiras ações ocorreram com o intuito de obter vivências práticas na criação artística urbana e com o objetivo de concentrar meus primeiros passos na construção do meu processo criativo e poética na arte urbana.

Inicialmente, busquei explorar o que parecia mais fácil de executar ou com o que se tinha algum conhecimento, como o estêncil, com artes recortadas em papel, pintado com spray e o lambe-lambe, com a arte em papel jornal feito com impressão em serigrafia e colado em postes no centro da cidade. Porém, foi o primeiro contato com uma grafiteira que me fez abraçar a criação de letras, graças às oficinas de graffiti que participei em Bauru/SP. Essas oficinas foram de grande incentivo e responsável pela decisão de seguir explorando e estudando somente o graffiti.

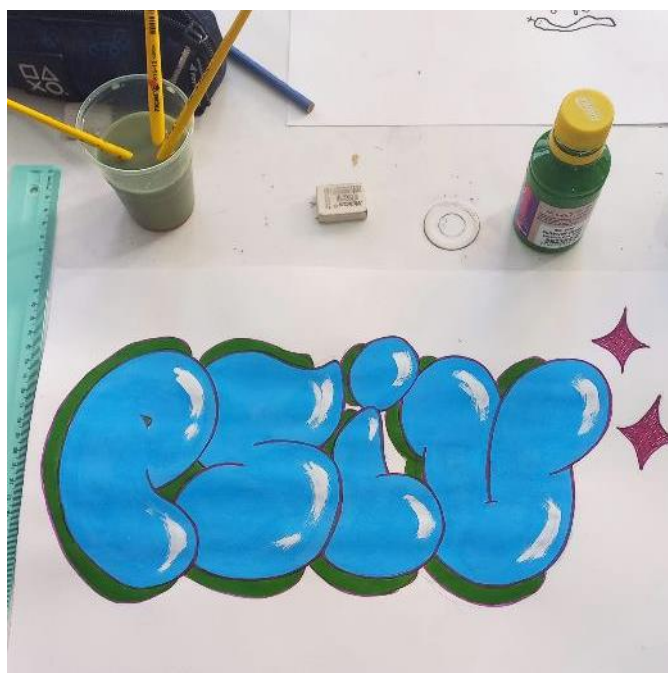
Figura 22 – Lambe-lambe.



Fonte: Acervo pessoal.

Após direcionar a pesquisa somente no graffiti, surgiu a oportunidade de participar de duas oficinas gratuitas de graffiti em Bauru. A primeira fez parte do projeto “*Grafite: nas galerias, por que não?*”, que promoveu uma exposição e oficinas com grafiteiros locais no Teatro Municipal de Bauru. A segunda oficina foi organizada pela Frente Feminina de Hip Hop de Bauru, em comemoração aos 50 anos da cultura Hip Hop, que aconteceu no CEU das Artes (Centro de Artes e Esportes Unificados de Bauru).

Figura 23 – Nascimento do vulgo “PSIU” – oficina de graffiti com Mari Monteiro, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

Ambas as oficinas foram ministradas pela grafiteira Mari Monteiro, conhecida por suas criações de caligrafia nas ruas. Mari apresentou um breve, mas significativo contexto histórico sobre a relação entre o graffiti e a cultura Hip Hop. Na parte prática, o foco foi na criação de letras estilizadas em graffiti, conhecidas como *Throw Up/Bombs* (Figura 23). Foi realizado o desenvolvimento das letras no papel e, após a estilização, chegou o momento de execução na parede, explorando diferentes materiais e técnicas em colaboração com o grupo da oficina e o auxílio da grafiteira.

Além disso, participei de uma terceira oficina de graffiti, desta vez com o grafiteiro João Risu, que ministrou a oficina “*Introdução ao Graffiti: Desenhando Letras*” no Sesc Bauru. Nesta oficina, foi possível aprender de maneira mais detalhada sobre o processo de construção de letras e estilos no graffiti. As aulas também partiram de uma breve introdução sobre o que é o graffiti, sobre como acontece o desenvolvimento de uma letra e sua estilização no graffiti para em seguida todos poderem também criar suas próprias letras. Após o desenvolvimento das letras no papel, seguiu-se também para a prática com a tinta spray, proporcionando assim, uma vivência completa do processo de criar e executar letras no graffiti. Ao final, recebemos dicas práticas sobre técnicas de manuseio com a tinta spray, a partir de demonstrações realizadas pelo próprio grafiteiro.

As oficinas de graffiti e o contato com outros artistas urbanos foram essenciais para despertar minha paixão pela criação de letras e buscar por aprofundamento.

[...] É interessante pensar que a rede de criação se define em seu próprio processo de expansão: são as relações que vão sendo estabelecidas durante o processo que constituem a obra. O artista cria um sistema a partir de determinadas características que vai atribuindo em um processo de apropriações, transformações e ajustes; que vai ganhando complexidade à medida que novas relações vão sendo estabelecidas. (SALLES, 2006, p. 33).

A partir das oficinas de graffiti, meu processo criativo com o graffiti deu seus primeiros passos, confirmando a noção de Salles (2006) de que o percurso criador é marcado por redes de influências e interações. As trocas e aprendizados vivenciados nesses espaços evidenciam que o desenvolvimento artístico não é um ato isolado, mas parte de uma trama maior de referências, encontros e diálogos.

3.3 PSIU: O olhar para a cidade

A cidade e sua constante mutação é repleta de narrativas que muitas vezes passam despercebidas. O ritmo acelerado da vida urbana pode levar a uma desconexão com o ambiente, tornando o espaço público apenas funcional. No entanto, a cidade é um organismo vivo, marcado pela efemeridade e transformações constantes: edifícios são erguidos ou demolidos, novas camadas de graffiti e pichação surgem, enquanto o tempo altera fachadas e ruas. Observar essa dinâmica permite ressignificar nossa relação com o espaço urbano.

O graffiti, nesse contexto, surge como um resgate do olhar sensível, rompendo com a monotonia visual da cidade. Ao ocupar muros e fachadas, propõe-se novas leituras do espaço, convidando o observador a uma pausa, a um momento de contemplação e conexão. Mesmo sendo efêmero, seu impacto é significativo: pode desaparecer, ser apagado ou sobreposto, mas, no instante em que existe, altera a percepção daquele ambiente naquele momento.

Além de transformar a relação das pessoas com a cidade, o graffiti fortalece o sentimento de pertencimento. Quando dialoga com a história e cultura locais, estabelece uma conexão mais profunda com quem circula por ali. Esse aspecto se alinha a cultura Hip Hop, que vê o espaço público como um local de ressignificação artística e cultural.

Na minha construção como grafiteira, o "olhar" tornou-se um tema central na minha poética. Ao criar minhas letras no graffiti, é buscado não apenas uma estética, mas uma forma de comunicação com a cidade e seus habitantes. O graffiti nesta pesquisa se torna um chamado visual, um "PSIU" para aqueles que passam, convidando-os a olhar com mais atenção e sensibilidade para o ambiente ao redor. E ao inserir o símbolo do olho em minhas composições, é buscado evidenciar essa necessidade de observar os detalhes e as pessoas que compõem a identidade urbana.

Quando comecei a me dedicar à arte urbana, já refletia sobre como inserir minha essência na cidade, então durante as oficinas de graffiti, uma das primeiras atividades foi escolher uma *tag* – nome, apelido ou palavra – que pudesse representar uma identidade própria. Foi aí que a ideia da palavra "PSIU" começou a se formar. Inicialmente, surgiu de uma brincadeira sonora com o final do meu sobrenome "Sulpício", mas, depois, essa palavra adquiriu um significado mais poético,

transformando-se em um chamado para que as pessoas prestem mais atenção ao cotidiano urbano. Ao longo do tempo, percebeu-se que o "PSIU" deixou de ser uma simples assinatura, tornando-se uma extensão da minha identidade artística, que busca observar tanto os pequenos quanto os grandes detalhes da cidade, transformando a experiência visual de quem circula por ela.

Figura 24 – Trabalhos e rascunhos utilizando “olhos”.



Fonte: Acervo pessoal.

Desde trabalhos acadêmicos até sketchbooks, nota-se também a presença do símbolo do olho se repetindo, refletindo minha forma de interagir com o mundo, de observar e registrar visualmente o que me cerca (Figura 24). A partir disso, passei a compreender o olho como uma extensão natural da minha poética, que se integrou às letras que se desenvolveram, funcionando como um chamado visual que carrega tanto minha identidade quanto a intenção de despertar novas percepções. Como diz José Saramago, em *Ensaio sobre a Cegueira* (1995): "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara". Essa fala do autor se encaixa bem no que busco com a minha poética, sobre a diferença entre um olhar meramente funcional ou até "cego" e a capacidade de realmente enxergar além do óbvio e reparar no diálogo da cidade conosco.

Dessa forma, o "PSIU" e o "olhar" formam a base da minha poética no graffiti, convidando o público a observar e compreender a cidade por meio de novos olhares. Ao intervir nos espaços urbanos, busco despertar no observador o mesmo sentimento de curiosidade e pertencimento que sinto, mostrando que a cidade é mais do que um espaço físico, é um lugar repleto de vida, memórias e histórias, que só podem ser

plenamente compreendidas se olharmos com interesse e sensibilidade, e assim, reparando com mais atenção os ambientes que ocupamos, criamos uma relação mais profunda e consciente com a cidade, transformando-a num espaço de experiências significativas.

Sendo assim, essa jornada no graffiti tem sido marcada por um processo contínuo de descoberta e experimentação, em que cada nova experiência contribui para a construção da minha identidade artística. Desde os primeiros contatos com a arte urbana até a decisão de aprofundar meus estudos nas letras, fui guiada pela necessidade de explorar as possibilidades expressivas do graffiti, compreendendo-o não apenas como uma técnica, mas como uma linguagem própria.

No próximo capítulo, aprofundarei a pesquisa sobre a criação de letras no graffiti, analisando as influências que contribuíram para o desenvolvimento do meu estilo, as escolhas de materiais e os desafios encontrados nesse percurso. Assim, na decisão de explorar a prática com o *throw up*, pretende-se compreender como esse processo experimental se consolidou e quais caminhos completam a minha trajetória como artista urbana e grafiteira.

4. CRIANDO LETRAS NO GRAFFITI

Este capítulo tem como foco o desenvolvimento das minhas letras no graffiti, especialmente no tipo de letra conhecido como *throw up*, com influência direta da estética das *bubble letters*. A intenção aqui, é compartilhar o meu percurso criativo, desde o contato com referências visuais, passando pelos estudos no papel, até a prática na rua e a consolidação de um estilo próprio.

O graffiti que faço hoje é resultado de um processo contínuo de experimentação, aprendizagem e observação. As oficinas de graffiti que participei foram fundamentais como ponto de partida, me apresentando técnicas, possibilidades e me incentivando a explorar a linguagem do graffiti na criação de letras. No entanto, foi na rua, com o contato direto com os muros, os materiais e os desafios da prática urbana, que pude aprofundar esse aprendizado e encontrar minha identidade visual como grafiteira.

Neste capítulo, apresento as referências que me inspiraram, as fases de experimentação com formas, traços e estilos no papel, os testes com materiais e suportes, e o caminho até consolidar um estilo que hoje reconheço como parte da minha assinatura como artista urbana. O foco é evidenciar como o processo criativo, com suas tentativas e erros, foi essencial para que eu desenvolvesse uma maneira própria de escrever e ocupar visualmente os espaços urbanos com minhas letras.

O que apresento neste capítulo é esse processo em movimento, feito de camadas e gestos, que aos poucos foi dando forma ao meu estilo. Um processo que segue inacabado, mas que já revela uma identidade visual que venho repetindo pelas ruas com minha *tag*, minhas cores e minhas formas.

4.1 Referências: *Graffiti Writers*

Ao iniciar meu processo de criação no graffiti, percebi que desenvolver minhas próprias letras significava também construir uma identidade visual que dialogasse com quem eu sou e com a linguagem da rua. Meu ponto de partida foi o estilo conhecido como *bubble letters*, uma estética de letras arredondadas, volumosas e com uma aparência que lembra “bolhas”. Esse tipo de letra, bastante presente no graffiti, me chamou a atenção por ser de fácil aprendizado para quem está começando e cheio de possibilidades criativas.

Meus primeiros estudos começaram a partir da observação de letras tanto nas ruas quanto na internet como Pinterest e Instagram, onde busquei desenhos e alfabetos de graffiti que me ajudassem a entender melhor a construção das formas. Nesse processo, encontrar e conhecer o trabalho de grafiteiras que também trabalham com esse tipo de letra foi fundamental. Suas produções, cheias de cores, contornos e propostas visuais divertidas e lúdicas, dialogam muito com aquilo que eu também busco transmitir nas minhas criações.

O interessante de acompanhar o trabalho de artistas no graffiti é conseguir identificar de quem é a letra que está ali na rua, só observando as características que se repetem na arte já é possível saber de quem é aquele graffiti. É possível, pelo simples fato de que cada grafiteira e grafiteiro coloca ali a sua própria identidade naquele trabalho que é reproduzido várias vezes na rua. A seguir, apresento algumas referências que me acompanharam nesse processo.

Figura 25 – Isa (@isa.graff_).



Fonte: Instagram

A grafiteira Isa, reproduz o seu *bomb* com seu vulgo “ISA” utilizando cores vivas, formas arredondadas e sempre apresenta elementos próprios como o desenho de um coração ou então uma estrela sorrindo, que sempre está presente em cima da sua letra “i”, como também o seu traçado único; na letra “A” – sempre que olho sinto que as letras estão sorrindo para mim. Suas composições chamam a atenção pra uma temática que expressa muito bom humor (Figura 25).

Figura 26 – Calor Carol (@calorcarol).



Fonte: Instagram

Já no trabalho da grafiteira Calor Carol com seu vulgo “CALOR” também cheia de formas arredondadas, mas o que me chama mais atenção são as inúmeras cores que compõem suas letras através de manchas que parecem se fundir se transformando em algo diferente de tudo, parece que as cores se movimentam dentro de suas letras resultando numa composição cheia de presença e “calor” (Figura 26).

A grafiteira Looh, com seu vulgo “LOOH” possui uma identidade com bastante dessa sensação de letras com formato de bolhas, trabalhando muito bem as cores com sombreado e luz, além da presença muito forte do *cartoon*, trazendo sempre alguma expressão facial bem caricata dentro das suas letras dando as suas letras uma visão espontânea, divertida e com muita vivacidade (Figura 27). Seu trabalho também é muito elogiado pelo seu forte domínio de traçado que é feito de maneira impecável.

Figura 27 – Looh (@loohcura)



Fonte: Instagram

E por último, a grafiteira Safi, com seu vulgo “SAFI” mostra uma artista que domina muito bem o equilíbrio entre simplicidade e impacto. Ela opta por *bubble letters* bem robustas, cheias, com curvas generosas, mas ao mesmo tempo mantém tudo muito limpo. Os contornos são firmes e reforçam a presença, mesmo que visualmente pareça formas simples à primeira vista, dá pra perceber que existe um refinamento nas escolhas: como ela posiciona as letras, os espaçamentos, os contornos, os preenchimentos e a inserção de elementos gráficos como estrelas, gotas, faixas coloridas que casam muito bem com a cor de fundo. Dá pra sentir segurança e controle na execução (Figura 28).

Figura 28 – Safi (@safiro93)



Fonte: Instagram

Essas artistas e grafiteiras, de maneiras diferentes, trabalham com o estilo *bubble letter* dentro do graffiti, cada uma com sua identidade própria. A observação dos seus trabalhos me ajudou não só a entender as possibilidades infinitas que existem dentro desse estilo, mas também a compreender que, mesmo dentro de uma estrutura simples, como é o *throw up*, cada letra pode ser única, reflexo da

personalidade, da trajetória e das escolhas de quem cria. Assim, cada letra pode se tornar uma assinatura visual carregada de personalidade.

4.2 Materiais e suportes

Assim como acontece no percurso de muitas grafiteiras e grafiteiros, entender as ferramentas e os desafios que cada uma propõe se torna também parte do processo criativo. Testar, errar, ajustar e compreender como cada material responde é uma etapa importante a se observar.

O graffiti é uma prática que acontece na rua e, portanto, se adapta às condições que ela oferece. Entre os materiais mais comuns estão a tinta spray, a tinta látex, os rolinhos, os pincéis e os diferentes tipos de *caps* — que são os bicos acoplados na lata de spray e controlam a saída da tinta. E não existe uma regra rígida sobre quais materiais devem ser utilizados. O mais importante é conseguir pintar na rua com o material que está ali disponível.

Figura 29 – Tintas spray e garrafas pet/ potes com tinta látex.



Fonte: Acervo pessoal.

Cada um desses materiais traz possibilidades e desafios próprios. A tinta spray, sem dúvidas, é a mais associada ao graffiti, tanto pela estética que proporciona quanto pela praticidade: é fácil de transportar, permite uma pintura ágil e se adapta muito bem ao ambiente da rua. No entanto, ela também possui limitações: é um material caro e de baixo rendimento, o que muitas vezes exige a busca por alternativas mais rentáveis. Nesse sentido, a tinta látex também se tornou uma grande aliada no graffiti. Seu custo mais acessível, além da possibilidade de ser encontrada como descarte em caçambas de obras, faz dela uma solução bastante utilizada, principalmente nos processos de preenchimento de grandes áreas. O uso de pincéis e rolinhos, nesse contexto, complementa e amplia as possibilidades da prática.

Quando iniciei os primeiros testes com materiais, tomei como decisão explorar justamente aquilo que eu não dominava: a tinta spray. Era um material totalmente novo para mim, e antes mesmo de pensar na construção de letras, senti a necessidade de entender como essa ferramenta funcionava na prática. Os testes foram feitos na parede da minha própria casa, sem preocupação com resultados estéticos, apenas focando na experimentação do material, nos gestos e no controle da tinta spray, como mostra a Figura 30 abaixo.

Figura 30 – Primeiros testes e experimentações com a tinta spray na parede da minha casa.



Fonte: Acervo pessoal.

Logo percebi que pintar com spray não é simplesmente apertar o *cap* e traçar. Existe uma técnica que envolve principalmente o controle da pressão exercida com o dedo sobre o *cap*, que regula tanto a quantidade de tinta que sai, quanto o tipo de traçado produzido. Nos primeiros contatos, a sensação era de que seria impossível dominar aquilo. Levei meses até começar a sentir mais segurança na maneira de conduzir o traço.

Com a prática e também trocando experiências com outras grafiteiras e grafiteiros, aprendi que o controle do spray não depende só da mão, mas do corpo inteiro. O movimento precisa ser amplo, especialmente quando se trabalha em paredes, que são suportes maiores. Percebi que, ao manter a lata mais próxima da parede, o traço sai mais firme e definido. Já quando se afasta a lata, o resultado é um traço mais aberto, esfumado, o que pode ser explorado tanto para criar preenchimentos quanto para efeitos como sombreamentos e degradês.

E outro aprendizado fundamental foi entender o papel dos diferentes tipos de *caps* (Figura 31). Cada *cap* oferece uma saída de tinta específica: alguns produzem traços mais finos, outros mais grossos, outros ainda são voltados para preenchimentos rápidos. O *fat cap*, por exemplo, tem uma abertura maior e é muito eficiente para preencher grandes áreas de forma rápida e uniforme.

Figura 31 – Tipos de caps para spray da loja Distrito Urbano – Graffiti Shop.



Fonte: <<https://www.distritourbanoshop.com.br/>>

Além disso, aprendi uma técnica que utilizo até hoje: no preenchimento, o ideal é realizar movimentos na horizontal, de baixo para cima ou de cima para baixo, buscando deixar a aplicação da tinta mais uniforme. Esse mesmo movimento é muito eficiente na hora de construir degradês no *bomb* (Figura 32).

Figura 32 – Testando a pintura degradê em um *bomb* com auxílio da grafiteira Bird, no espaço cultural e bar, Sarau Sem Lei – 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

Com o tempo, percebi também que o graffiti não é só sobre a escolha da tinta, mas também sobre entender o suporte onde ela será aplicada. A textura da parede interfere diretamente no resultado do trabalho. Paredes lisas, chapiscadas, ásperas ou descascadas exigem abordagens diferentes. Em paredes muito porosas, por exemplo, a tinta é mais absorvida, demandando mais quantidade de tinta, assim já se mostra não ser um bom local para pintar. Já em superfícies lisas, o traço flui melhor e a precisão aumenta. Esse entendimento me fez perceber que o suporte faz parte da composição tanto quanto as cores, as formas e os traços.

Hoje entendo que conhecer e dominar os materiais, seja o spray, o látex, os pincéis, os *caps*, o rolinho ou o próprio suporte da parede é uma etapa fundamental no processo criativo de quem faz graffiti. Assim, percebo que experimentar, errar, ajustar e entender como cada ferramenta responde não é algo separado do fazer artístico, mas parte essencial da construção do meu próprio percurso como grafiteira e artista urbana.

4.3 Do papel para os muros

Além do spray, o papel também é um suporte essencial no processo criativo. Foi nele que comecei a desenvolver minhas primeiras ideias, estudar as letras e experimentar estruturas, formatos, volume, efeitos e cores. O uso de canetas, marcadores e lápis de cor me ajudou a visualizar e testar composições que, mais tarde, seriam levadas para a parede e depois para rua.

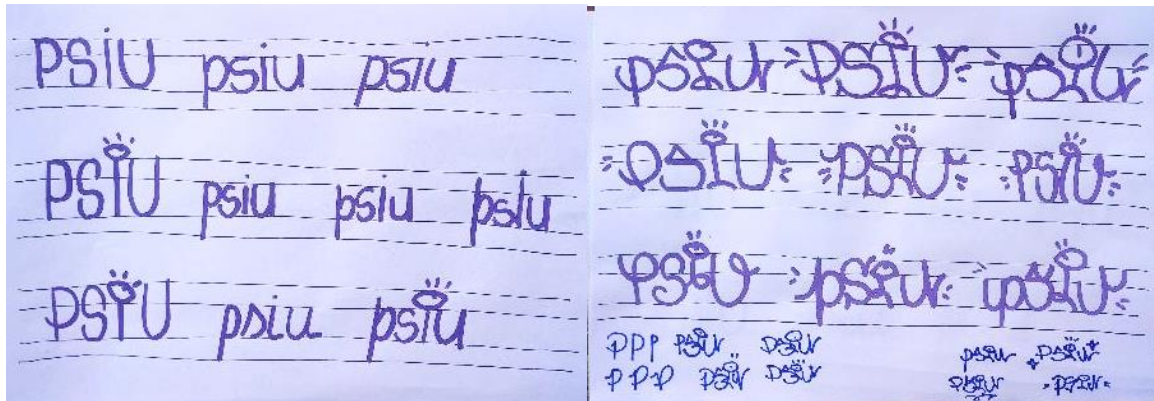
Nesse processo precisei entender como as letras se comportam, como poderiam ser construídas, desconstruídas, deformadas, esticadas, preenchidas ou contornadas. No papel, a possibilidade de errar, testar, apagar e refazer me ofereceu segurança para explorar bastante e buscar a minha própria maneira de criar. Esse percurso é inevitável, seja de maneira intuitiva, empírica, seja a partir de trocas na rua e/ou em oficinas, como foi também o meu caso.

O processo de criação das letras começou, principalmente, nas oficinas que participei. Ali, tive acesso a orientações valiosas sobre as etapas da construção de uma letra no graffiti. Foi também nesse espaço coletivo que entendi que, mais do que desenhar uma letra, é preciso dar a ela personalidade e presença.

E além disso, fui compreendendo que o graffiti de letras é também sobre ritmo e fluidez. Cada traço precisa dialogar com o anterior e se conectar com o próximo. E, nesse processo, meu olhar foi se ajustando, para aprender a colocar essa percepção no papel e a visualizar mentalmente como aquela composição ficaria antes mesmo da tinta tocar a superfície da rua.

Esse movimento do papel para a rua na trajetória de quem faz graffiti, foi onde entendi que o desenvolvimento das letras acontece em diálogo constante entre a experimentação no caderno e a vivência na cidade.

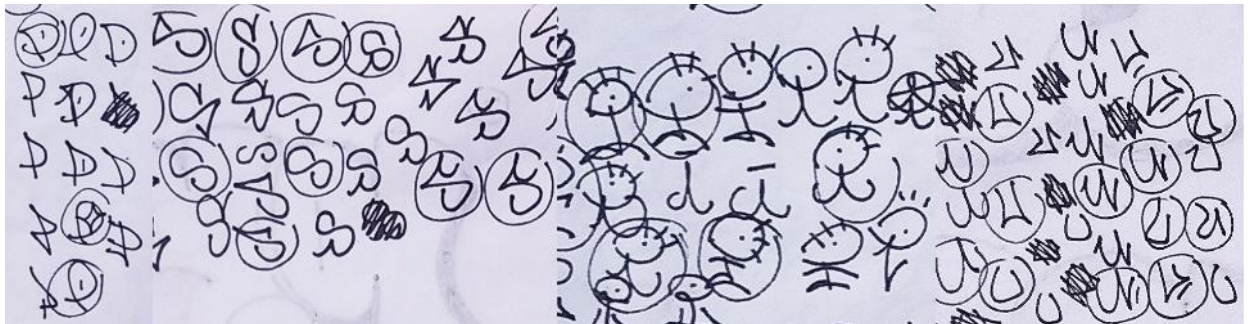
Após definir o meu vulgo, “PSIU”, iniciei os estudos partindo da escrita padrão, com letras de forma, aquela que aprendemos na escola. A partir dela, o exercício foi desconstruir essa base para criar novos formatos, mais livres, dinâmicos e expressivos. O primeiro estágio dessa exploração foi a busca pela construção da *tag*, que é uma assinatura rápida, mas que já transpassa parte da identidade de quem escreve.

Figura 33 – Estudos de *tags*.

Fonte: Acervo pessoal.

No desenvolvimento dessa *tag*, experimentei variações de proporção, testando tamanhos e relações entre as letras fugindo do padrão da escrita. A proposta era romper com as regras tradicionais da escrita, ainda que, em alguns momentos, as linhas guias fossem utilizadas como apoio para entender o equilíbrio e a composição. Nesse caminho, explorei diferentes possibilidades: letras maiúsculas, minúsculas e misturas entre elas (Figura 33).

Foram inúmeros testes de exploração de letras do vulgo “PSIU” até chegar numa estética que fizesse sentido para mim, como aponta abaixo na Figura 34.

Figura 34 – Mais estudos de estilo de *tag* – *sketchbooks*.

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 35 – Tag “PSIU”.



Fonte: Acervo pessoal.

Após definir a *tag* (Figura 35), avancei para o desenvolvimento de enchimento da letra, que pudesse ser levado para testar na parede, nesse caso, o *throw up*, dentro da estética das *bubble letters*. Aqui, a *tag* passou a funcionar como esqueleto, uma base estrutural que, ao receber enchimento, volume e contorno, se transforma em uma letra de graffiti. Com a *tag* definida podemos ver a seguir como ela pode ser utilizada como esqueleto pro *throw up* na Figura 36 abaixo:

Figura 36 – Estudos de *throw up* utilizando a *tag* como esqueleto.

Fonte: Acervo pessoal.

De um lado, na imagem, podemos ver que essa exploração utilizando a *tag* como esqueleto resultou em duas estéticas diferentes de bubble letters, e ao outro lado dessa mesma imagem (Figura 36), pode-se ver como ficou o resultado final do desenho dessas letras sem a marcação do esqueleto.

Nessa etapa também é livre a exploração de formas e distorção ao preencher o esqueleto dessas letras. Lembrando que as letras graffiti, o espaçamento entre as letras praticamente não existe, então pode-se notar que as letras se conectam umas às outras se tornando uma única forma estilizada.

Além dessa prática utilizando o esqueleto da *tag* como base, também explorei de forma mais livre, sem esqueleto, outras formas de letras com outras características como letras com aspecto mais quadrado, mas com cantos arredondados, formas bem redondas, mas com cantos com pontas ou então formas extremamente redondas, mas com traços em espiral que foi uma característica que gostei bastante de reproduzir em todos os meus estudos (Figura 37).

Figura 37 – Outros estudos de *Throw up*.



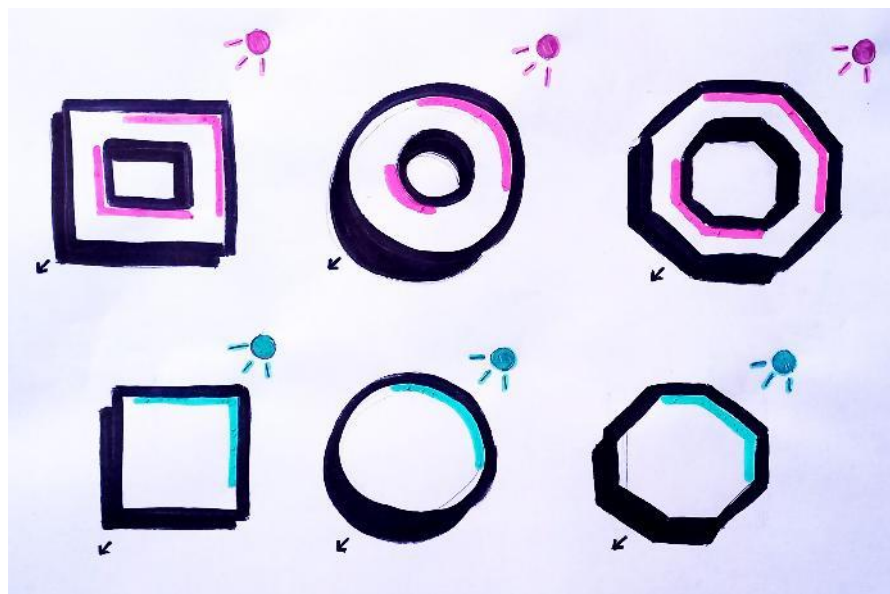
Fonte: Acervo pessoal.

Com a estrutura da letra definida, inicia-se uma etapa essencial para dar vida e presença da estética de graffiti: a exploração com cores e os acabamentos finais, como luz, sombra e detalhes de fundo. Essa fase é tão importante quanto o desenho da letra, porque é nela que se consegue visualizar a força visual que ali foi construída.

O uso de luz e sombra no graffiti, especialmente no *throw up*, é um dos detalhes que fazem grande diferença no resultado final. Aprender a posicionar a sombra, entender de onde vem a luz e como isso gera a sombra, o contraste e profundidade na letra, exige tentativa e muito erro no papel.

Ao aplicar luz e sombra, é necessário definir de onde irá vir o ponto de luz nas letras. Na figura abaixo (Figura 38), há um exemplo com formas geométricas básicas para ter uma visão de fácil compreensão, onde fixei a luz vindo do lado direito e para cima, enquanto a sombra é puxada na direção oposta, do lado esquerdo e para baixo. Esse direcionamento funciona como base e um ponto de partida, mas também pode variar de acordo com a proposta da letra, do fundo ou até do efeito que se quer criar.

Figura 38 – Exemplo de luz e sombra em formas geométricas, onde a cor representa a luz sob a forma.



Fonte: Acervo pessoal.

Nesse exercício foi possível compreender melhor como a luz e a sombra se comportam dentro do volume da letra. E, mais uma vez, percebi que o erro faz parte do processo. Cada teste, cada risco fora do esperado, contribuiu para construir minha percepção sobre como esses acabamentos funcionam na composição final.

Além da luz e sombra, incluir pequenos detalhes ao redor das letras, como pequenos elementos, círculos imitando manchas ou apenas um fundo simples com contorno ao redor da peça final, também se torna uma etapa bem livre. Esses

acabamentos não são obrigatórios, mas trazem mais movimento, volume, contraste e personalidade para a composição.

Na figura abaixo (Figura 39), podemos ver esse resultado e diferença de aplicação de cores, luz e sombra e acabamentos finais nos estilos de *bubble letters* apresentados anteriormente (Figura 36).

Figura 39 – Estudos de *Throw up* no papel.



Fonte: Acervo pessoal.

A combinação de cores, somada aos efeitos de luz, sombra, subcontorno e outros elementos, transforma o desenho da letra em algo que salta aos olhos, que ganha volume e movimento.

Esses estudos e experimentações de letras no papel resultaram em alguns testes e experimentações de graffiti na rua. Na figura abaixo (Figura 40), foi feito a *bubble letter*, onde experimentei reproduzir uma das letras dos meus estudos (Figura 37). Nesse *throw up* utilizei tinta spray com *fat cap* para realizar um preenchimento em degradê e um *cap* padrão, que já veio com a tinta spray para realizar o contorno e outros detalhes.

Dessa maneira, esse caminho, que começa no papel e se expande para a cidade não é linear, nem definitivo. É um ciclo que se alimenta constantemente, onde o que aprendo e testo nas ruas volta para o papel, se transforma, se ajusta e, depois, retorna novamente para as ruas.

Figura 40 – Primeiro teste de *throw up/ bomb* na rua – Bauru/ 2024.



Fonte: Acervo pessoal.

Após realizar meu primeiro *bomb* na rua (Figura 40), utilizando uma das estéticas desenvolvidas no papel, percebi que experimentar na prática traz percepções completamente diferentes daquelas que tinha durante o processo no caderno. A rua apresenta outros desafios: a escala do muro, a movimentação do corpo, o tempo de execução, os imprevistos, a relação com o entorno, com quem passa e observa. Tudo isso influencia diretamente na forma como as letras se comportam quando saem do papel e tomam conta do espaço urbano.

Depois desse primeiro teste, dei continuidade às minhas experimentações na rua utilizando os dois estilos de letras que havia desenvolvido a partir do esqueleto da minha *tag* (Figura 36). Esses estilos foram se desdobrando em caminhos visuais semelhantes, mas ainda assim, diferentes, cada um com características que refletem escolhas estéticas sensíveis e simbólicas que foram surgindo ao longo da prática no papel e na rua.

O primeiro estilo (Figura 41) carrega uma estética de letras bem arredondadas, com bastante volume e contornos que se enrolam, sendo assim, uma proposta orgânica, solta e fluida. As curvas são bem acentuadas, os traços são completamente arredondados e existe uma certa liberdade na expansão das letras. Esse estilo transmite uma sensação de movimento e até brincadeira, pois possui uma estética com aparência inflada, quase como se as letras fossem balões prestes a flutuar ou explodir. Ele carrega muito essa essência gestual e espontânea, que surge do prazer de desenhar livremente, explorando o que o traço pode oferecer sem se prender tanto a uma estrutura rígida.

Figura 41 – *Throw up/ bomb* – 1º estilo – Bauru/ 2024.



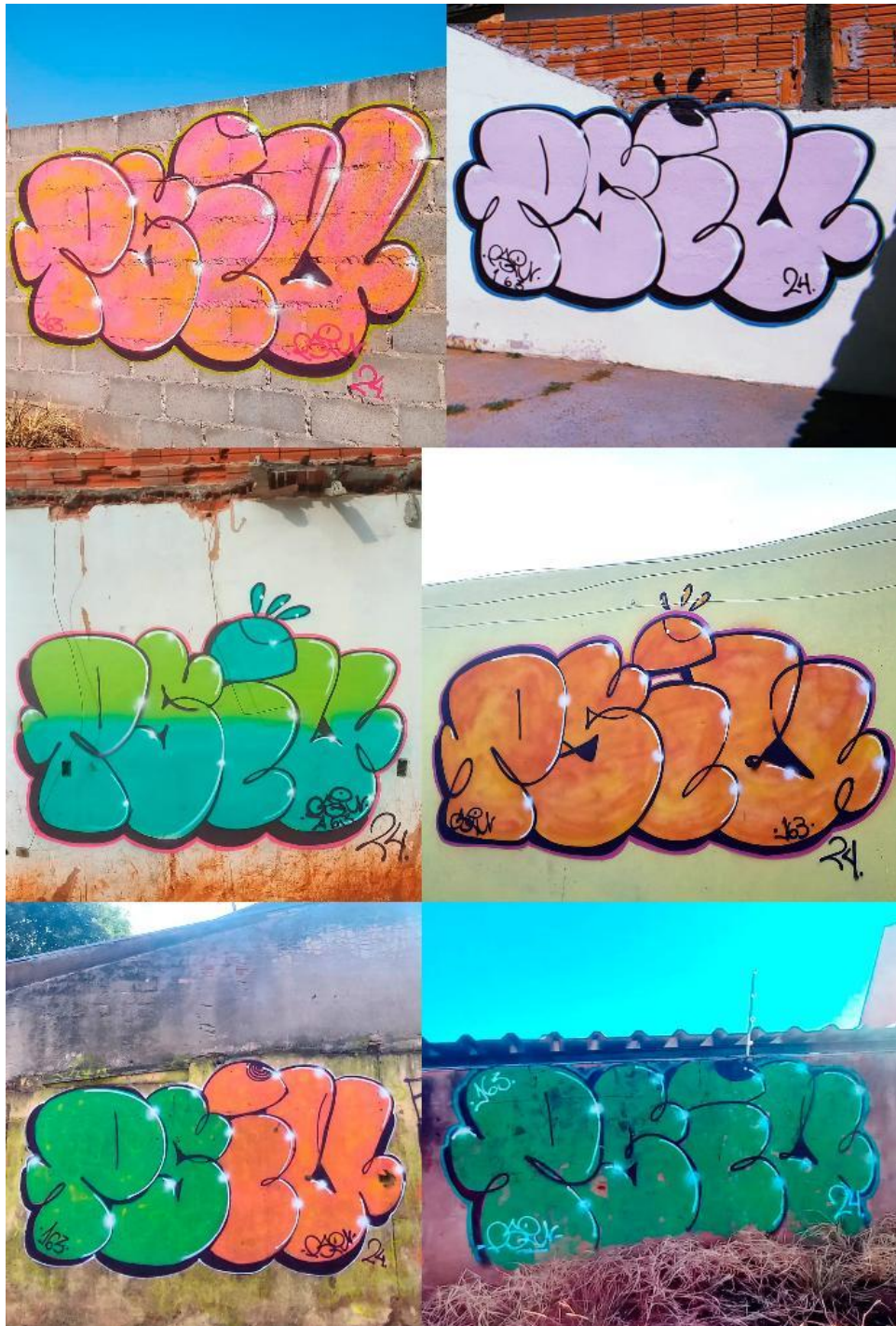
Fonte: Acervo pessoal.

Essa estética funcionou muito bem no papel, mas, ao aplicar na rua, percebi que não estava funcionando tanto quanto eu gostaria, não me satisfazia completamente. Eu gostei do resultado dessa experimentação, mas tive certa dificuldade de executar com o spray o desenho feito no papel, e também achei que ficou uma leitura um pouco abstrata, o que não me incomoda totalmente, mas senti necessidade de trazer pelo menos um pouco mais a legibilidade do “PSIU”.

Na sequência, parti para a experimentação com o segundo estilo (Figura 42), que já se mostrava mais prático durante os estudos no papel. Pode-se observar uma letra com características bem similar ao outro estilo, mas agora com uma legibilidade mais aparente das letras do vulgo “PSIU”. E durante os testes nos muros na rua ou na parede de casa, essas leves mudanças em algumas curvaturas do desenho me ajudou a conseguir executar movimentos mais confortáveis com o spray para reproduzir o desenho/rascunho que foi feito no papel.

Nessas experimentações foi utilizado além da tinta spray também a tinta látex junto do rolinho de pintura para preenchimentos como uma maneira de conseguir render bastante experimentações na rua.

Figura 42 – Experimentações com o 2º estilo de *bubble letter* – Bauru/ 2024.

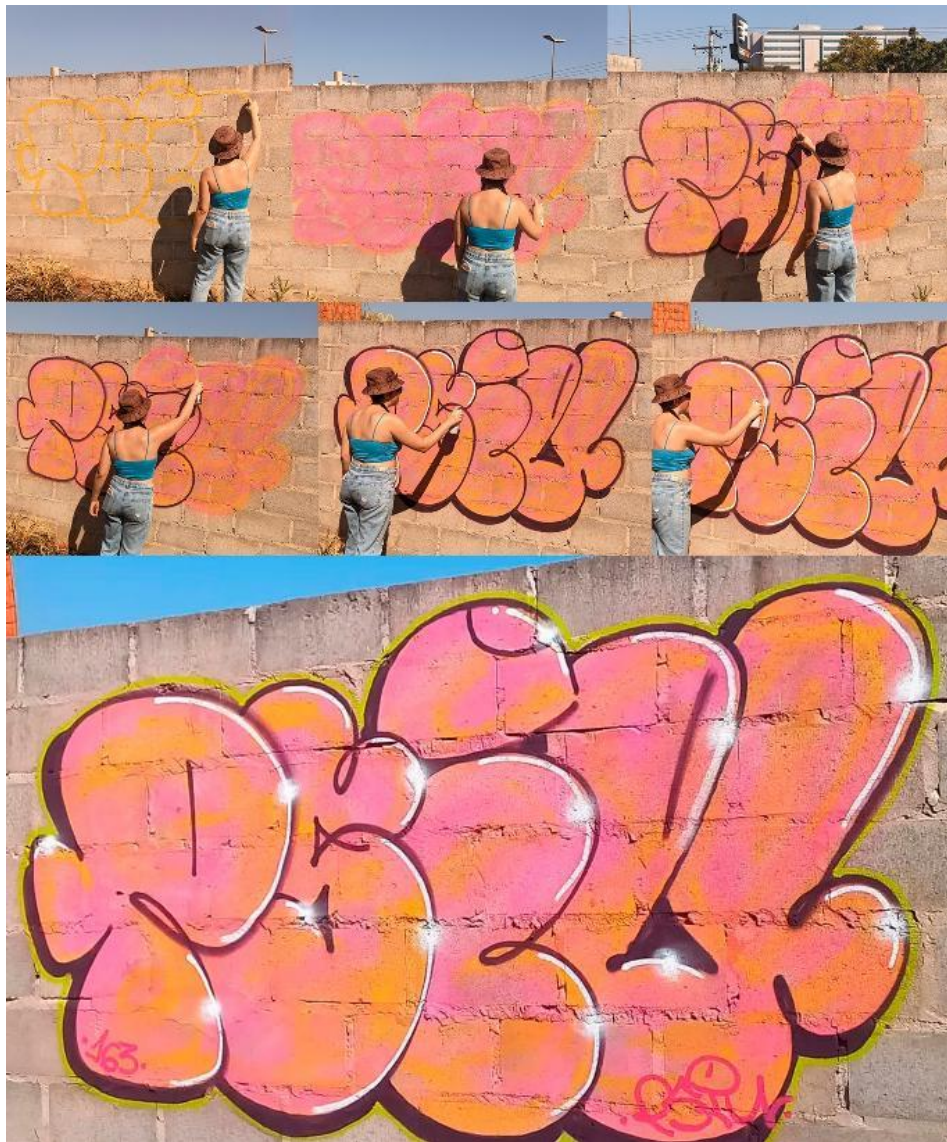


Fonte: Acervo pessoal.

Outro ponto a se observar é sobre as etapas do processo de pintura dos meus *throw up/ bombs* nos muros. O processo de realização desses graffiti passam quase sempre por um mesmo processo, assim como no papel, ocorre primeiro a marcação da letra, o preenchimento podendo ser com tinta spray ou tinta látex com rolinho, então

após isso vem o contorno, sombra, subcontorno (*outline*) e a adição de pontos de luz como também outros elementos na composição, onde realizo geralmente com a tinta spray. Na imagem abaixo (Figura 43), é possível visualizar algumas dessas etapas que realizei de um *bomb* na rua.

Figura 43 – Etapas da pintura de um *throw up/ bomb* – Baurul/ 2024.



Fonte: Acervo pessoal.

Outro aspecto que se fixou na minha prática foi o uso de cores vibrantes, que não só tornam as letras mais chamativas, mas também reforçam a ideia do meu vulgo – PSIU – como um chamado visual. A paleta de cores que passei a utilizar com mais frequência dialoga com essa necessidade de atrair o olhar, de se destacar no espaço urbano.

Dessa forma, o segundo estilo passou a fazer cada vez mais sentido para mim, tanto visualmente quanto na execução. Ainda com as curvas exageradas, a presença do olho como elemento central da composição, os traços que se entrelaçam e formam quase como espirais dentro da letra, além das cores vibrantes que busco trabalhar, passaram a definir o que assumo como minha assinatura no graffiti. Visualmente, esse estilo transmite um melhor contraste, sem perder a aparência lúdica e descontraída que busco criar nos meus trabalhos.

Essa escolha não significa uma rejeição ao primeiro estilo, que segue fazendo parte do meu repertório e pode ser resgatado sempre que fizer sentido para alguma proposta. No entanto, o segundo estilo se tornou aquele que hoje carrego como minha assinatura visual no graffiti, resultado direto desse percurso de experimentação, erro, acerto e, principalmente, da construção de uma identidade própria a partir da prática no papel e na rua.

E essa consolidação não significa um ponto final no processo, como reflete Salles (2011), o processo criativo é sempre um gesto inacabado, em constante construção e transformação. No entanto, posso afirmar que, nesse percurso, cheguei a uma estética que hoje representa meu olhar, minha linguagem e minha maneira de estar presente na cidade. O caminho que percorri, desde as primeiras experiências no papel, passando pela exploração de materiais e pelos desafios da prática na rua foi essencial para que eu consolidasse uma identidade visual que carrego nas minhas letras e que me representa enquanto artista urbana.

Além disso, essas experimentações não se deram apenas de forma individual, mas também foi atravessada pelas experiências coletivas. A partir desse momento, comecei a participar ativamente de eventos de hip hop, encontros de graffiti e ações coletivas na cidade de Bauru, onde tive a oportunidade de ocupar diferentes espaços, trocar saberes, fortalecer minha prática e expandir minha presença como grafiteira na cena local.

O próximo capítulo reúne os frutos desse percurso. Nele, apresento os trabalhos que realizei durante e após esse processo de experimentação e consolidação, mostrando como minhas letras ganharam as ruas através de projetos, eventos e ações que, além de fortalecer minha identidade no graffiti, também me conectaram com a cultura Hip Hop e com os movimentos de arte urbana que acontecem na cidade de Bauru.

5. OS FRUTOS DO GRAFFITI

Chegar até aqui é olhar para trás e perceber que todo o processo de estudos, experimentações, tentativas, erros e acertos no graffiti não ficaram apenas no papel ou nos meus cadernos de esboços. O graffiti me proporcionou algo que vai muito além de só ocupar a rua: a conexão. Conexão com a rua, com outros artistas, com a cultura Hip Hop e com espaços que antes eu só observava de longe.

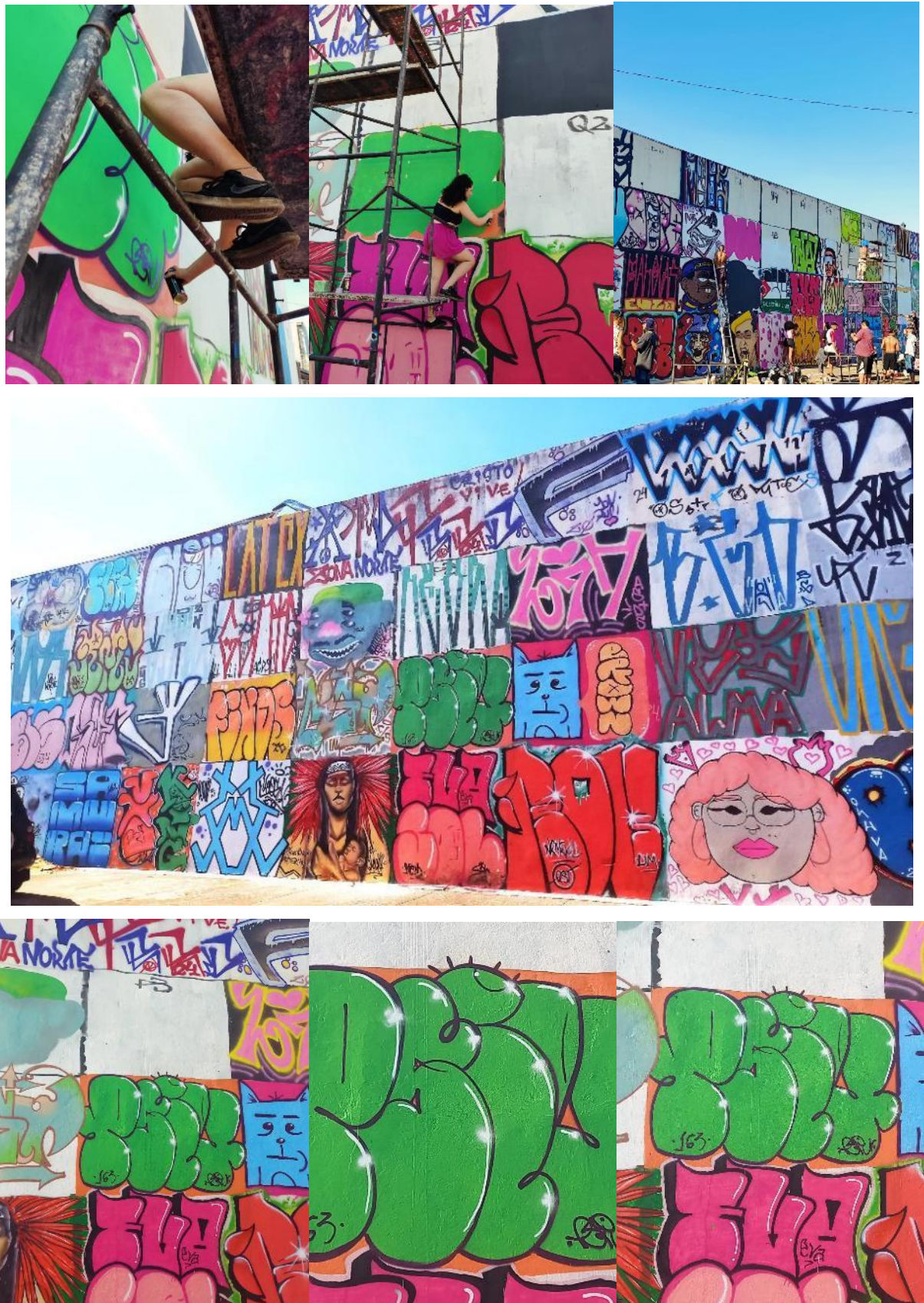
Esse capítulo tem como objetivo compartilhar os frutos que essa trajetória me trouxe até aqui. O desenvolvimento das minhas letras graffiti e do meu *bomb* abriu portas para participar de eventos, projetos coletivos e encontros, tanto na cidade de Bauru, onde iniciei minha caminhada, quanto em outras cidades da região.

A seguir, apresento alguns dos trabalhos e experiências mais significativas que vivi até aqui, que representam não só uma consolidação da minha prática no graffiti, mas também marcam momentos de troca, de aprendizado e de fortalecimento pessoal dentro da cena do graffiti.

5.1 Sopão da 14 – Bauru/SP – 2024

O Sopão de Letras aconteceu no bairro Jd. Petrópolis em Bauru/SP e foi meu primeiro evento de graffiti e também minha primeira experiência grafitando meu *bomb* em um mural coletivo de grande porte (Figura 44). Foi a primeira vez que utilizei equipamentos como andaime, já que pintei em um local mais alto. Essa vivência foi muito significativa, pois me possibilitou não só colocar minha arte na rua, mas também conhecer de perto muitos grafiteiros(as) e pixadores(as) da cidade. Estar lado a lado dessas pessoas, compartilhando espaço, técnica e conversa, foi fundamental para começar gerar visibilidade do meu trabalho com o graffiti.

Figura 44 – Registros da participação no evento do Sopão da 14 no Jd. Petrópolis, Bauru/SP, 2024.

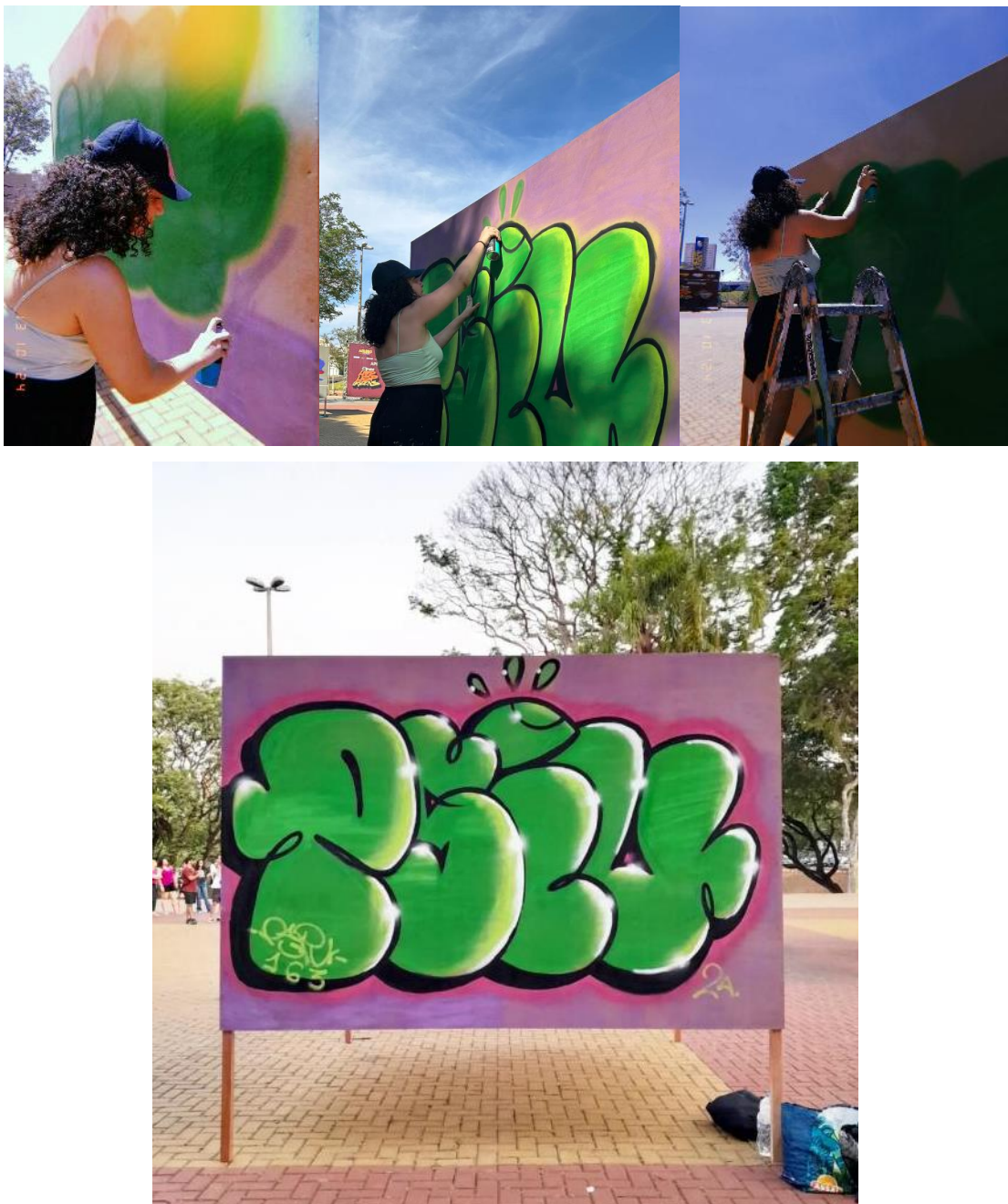


Fonte: Acervo pessoal.

5.2 Semana do Hip Hop Origens – Bauru/SP – 2024

A Semana do Hip Hop Origens marcou minha primeira participação em um evento como artista convidada. Fui chamada para integrar o encontro de grafiteiros e grafiteiras da cidade, realizando graffiti em painéis, que ficaram expostos durante todo o evento, na Praça Vitória Régia (Figura 45). Essa experiência me trouxe uma sensação de pertencimento muito forte dentro da cultura Hip Hop, além de ser uma oportunidade de continuar buscando visibilidade para o meu trabalho.

Figura 45 – Graffiti no evento da *Semana do Hip Hop Origens*, 2024.

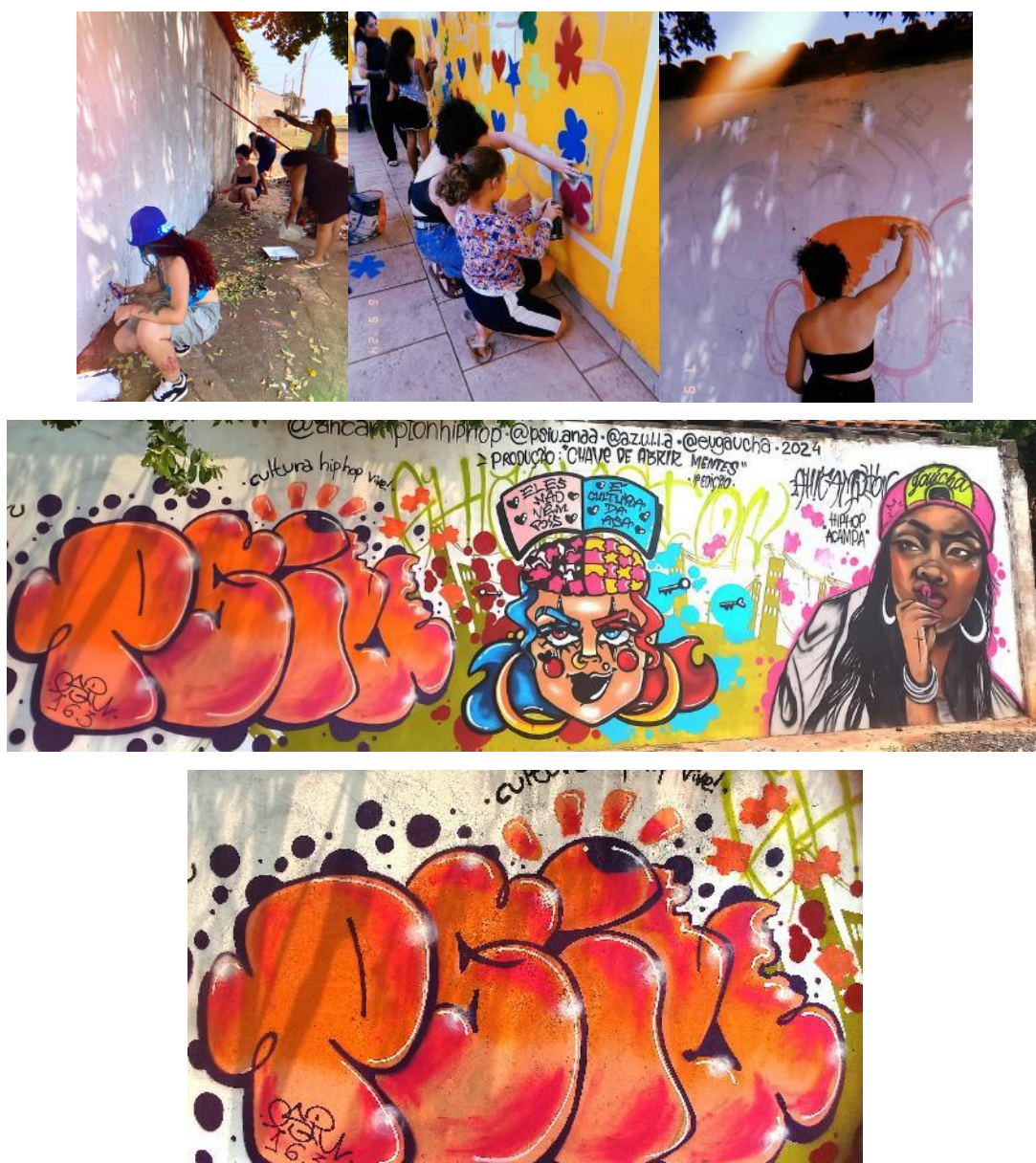


Fonte: Acervo pessoal.

5.3 Ah! Campton – Hip Hop Acampa – Tibiriçá/SP – 2024

O *Ah! Campton* foi um evento extremamente especial, realizado no distrito de Tibiriçá, por mulheres do Hip Hop de Bauru. Foi o primeiro evento de Hip Hop no distrito, voltado para crianças, jovens e a comunidade local, com oficinas e apresentações dos quatro elementos (Figura 46). Participei como voluntária na oficina de graffiti para crianças e também contribuí na produção de um mural coletivo junto com as grafiteiras Gaúcha e Azulla. Esse evento foi muito potente, pois marcou meu primeiro contato direto com uma produção feita integralmente por mulheres atuantes no Hip Hop, mostrando a força e importância da presença feminina na cena.

Figura 46 – Registros do Mural e oficina de graffiti realizado com as grafiteiras Azulla e Gaúcha, 2024.



Fonte: Acervo pessoal.

5.4 Mural coletivo – EMEI – Bauru/SP – 2024

O muralista e grafiteiro Luigi, em seu projeto de levar graffiti para as escolas me gerou a oportunidade de participar da pintura de um mural em coletivo com outros artistas na EMEI Prof. Isaac Portal no bairro Otávio Rasi em Bauru/SP (Figura 47). Foi muito gratificante poder contribuir para transformar o espaço escolar das crianças com cor, vida e arte. Nesse mural, levei o graffiti adaptado ao tema da educação. Criei uma composição onde meu *bomb* com a cor branca aparece produzindo um arco-íris que nasce de um spray e segue em direção a livros. Foi muito importante perceber que o *throw up* pode dialogar com diferentes temáticas sem perder sua identidade.

Figura 47 – Registros do Mural realizado na EMEI Prof. Isaac Portal no Jd. Otávio Rasi, 2024.

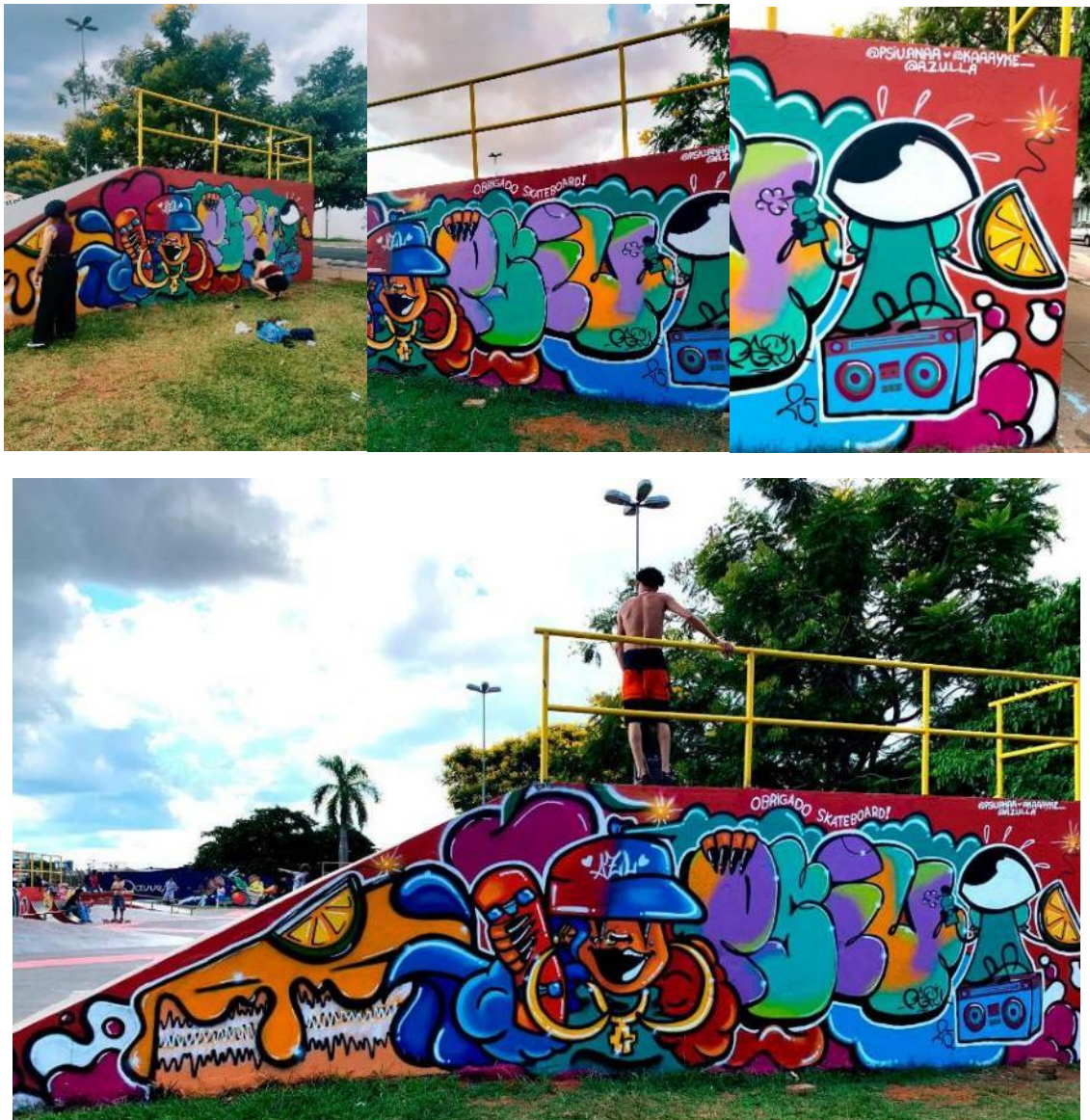


Fonte: Acervo pessoal.

5.5 Pista de Skate – Bauru/SP – 2025

Esse foi, sem dúvida, um dos murais mais significativos para mim até aqui. Nessa ação foi realizado um mural de graffiti coletivo na pista de skate da cidade, em parceria com as grafiteiras Azulla e Kayke e o consentimento dos próprios skatistas que cuidam e frequentam o espaço (Figura 48). A proposta foi construir uma arte que dialogasse com a cultura do skate e do graffiti. Nesse trabalho, senti nitidamente minha evolução como artista e grafiteira. Pela primeira vez, experimentei inserir o símbolo do olho em um persona (personagem), ampliando ainda mais minha linguagem visual e poética dentro do graffiti.

Figura 48 – Mural realizado na Pista de Skate de Bauru/SP em parceria com as grafiteiras Azulla e Kayke, 2025.



Fonte: Acervo pessoal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pude percorrer e refletir sobre minha própria trajetória enquanto artista visual e como grafiteira em processo de desenvolvimento. O graffiti, que começou como uma curiosidade, um desejo de experimentar, hoje se tornou parte da minha vida, da minha expressão e da minha identidade. O percurso até aqui foi construído por meio de muitos estudos, práticas, erros, acertos, desafios e, principalmente, encontros. Encontros com a rua, com a cidade, com outros artistas e com a cultura Hip Hop. Entender que o graffiti não é apenas estética, mas também resistência, ocupação e transformação, foi algo que atravessou toda a minha caminhada.

Pude perceber, através dos meus processos de criação, que escrever minha *tag*, construir minhas letras e deixar minha marca no espaço urbano carrega um sentido muito maior do que simplesmente decorar muros. É sobre se fazer presente, reivindicar o direito à cidade, criar conexão com os territórios e fortalecer redes de pertencimento. Os frutos que o graffiti me trouxe até aqui, as participações em eventos, os murais coletivos, as trocas com artistas e comunidades são também sementes que continuo plantando. Sementes que germinam em novas oportunidades, novos aprendizados e no fortalecimento da minha caminhada como mulher grafiteira no interior paulista.

Este trabalho não se encerra aqui. Assim como o graffiti é movimento, transformação e processo contínuo, minha trajetória também segue aberta, em construção, disposta a continuar experimentando, aprendendo, criando e, principalmente, ocupando. Finalizo este trabalho com a certeza de que o graffiti não é apenas uma linguagem artística que escolhi, mas sim uma escolha de expressão e de ocupação do espaço urbano. Que minha *tag*, meu *bomb*, meu olho e meu "PSIU" continuem ecoando pela cidade, chamando olhares e despertando percepções.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, Gil. **A ‘maré cinza’ de Doria toma São Paulo e revolta grafiteiros e artistas.** Site El País, São Paulo, 24 jan. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/24/politica/1485280199_418307.html>. Acesso em: 06 junho 2025.

COOPER, Martha; CHALFANT, Henry. **Subway Art.** London: Thames & Hudson, 1984.

FERREIRA, Chermie. **A rua é das minas.** Revista Graffiti Queens – Nós Podemos Tudo! Fortaleza: Editora Caminhar, 2021, p. 5-9.

FIGUEIREDO, Ana Luísa Silva. **Mulheres no graffiti: perspectivas da prática em contexto metropolitano.** 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, University of São Paulo, São Carlos, 2019.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Cultura Popular Na Antiguidade Clássica.** São Paulo: Contexto, 1989.

GITAHY, Celso. **O que é Graffiti.** São Paulo Editora Brasiliense, 1999.

LARA, Arthur Hunold. **Grafite: arte urbana em movimento.** 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

LASSALA, Gustavo. **Pichação Não é Pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas.** 2. ed. São Paulo: Altamira Editorial, 2017. 95 p.

MAGRO, Viviane Mendonça Melo. **Meninas do Graffiti: Educação, Adolescência, Identidade e Gênero nas Culturas Juvenis Contemporâneas.** 2004. 224 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

MASSEY, Doreen B. **Space, place, and gender**. University of Minnesota Press: Minneapolis, 1994.

MATIAS-RODRIGUES, Maria Natália. ARAÚJO-MENEZES, Jaileila de. **Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 12 (2), pp. 703-715. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v12n2/v12n2a14.pdf>. Acesso em: 05 junho 2025.

MONCAU, Gabriela. **Grafitas e pixadoras protestam no Itaú Cultural contra apagamento feminino na arte urbana**. Site Brasil de Fato, São Paulo, 09 julho. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/09/grafiteiras-e-pixadoras-protestam-no-itaucultural-contra-apagamento-feminino-na-arte-urbana/>. Acesso em: 06 junho 2025.

PINACOTECA de São Paulo. **OSGÊMEOS: Segredos – A Série**. Direção: Vinicius Colé. Produção: Porqueeu Filmes. 2021. Youtube. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLNCBHBxvjUw-zc0loqnlSMVAwEKT31uVn&si=PxOLMz8tiZ8U5CGM>. Acesso em 05 junho 2025.

PRODUTORA FEMELLA. **Entre Latas e Luta: a cena das mulheres no graffiti de São Paulo**. 2020. YouTube. Disponível em: https://youtu.be/PusxWWw382o?si=D26t_L2Hr0JcbP5k. Acesso em 05 junho 2025.

SALLES, Cecília. **Redes da Criação: Construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2006. 172p.

SALLES, Cecília A. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo, Intermeios, 2011. 173p.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Joseli Maria. **Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano**. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 117-134, jul./dez. 2007.

VARONE, Antonio. Erotica Pompeiana: **Love Inscriptions on the Walls of Pompeii**. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2001, p. 9-24.